



CIRO AMERICANO DO BRASIL

A EXPORTAÇÃO DOS JOGADORES DO FUTEBOL BRASILEIRO

Monografia apresentada
como requisito parcial
para a conclusão do
curso de bacharelado em
Relações Internacionais
do Centro Universitário
de Brasília - UniCEUB.

Brasília – DF,
2009.



CIRO AMERICANO DO BRASIL

A EXPORTAÇÃO DOS JOGADORES DO FUTEBOL BRASILEIRO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Marcelo Gonçalves
(Orientador)

Prof.
(Membro)

Prof.
(Membro)

Prof.
(Suplente)

Brasília – DF,
2009.

Resumo

Essa monografia visa discutir porque os jogadores do futebol brasileiro deixam seu país. Por ser o esporte mais praticado e de maior importância para os brasileiros, o futebol é um aspecto importante na vida social dos mesmos. Dividido em três capítulos, inicialmente são discutidas as considerações iniciais sobre o tema, como as migrações internacionais e a globalização do futebol. Depois, os motivos que levam os jogadores a saírem do país, tais como suas origens sociais, a violência no Brasil, a influência das convocações para a seleção brasileira, os fatores econômicos e aspectos relativos à gestão dos clubes brasileiros. Em seguida, será estudado o caso comparativo com o futebol inglês, a crise do *subprime* e suas consequências para o futebol.

Palavras-chaves:

- Futebol brasileiro
- Gestão do futebol
- Migrações internacionais

Abstract

This research seeks to discuss the reasons why Brazilian soccer players leave their countries. Since it's the most played sport in the country and most important for Brazilians, soccer is important for their lives. Divided on three chapters, first will be discussed the first considerations about the subject. Later, the reasons why soccer players leave the country, such as social origins, violence in Brazil, influence on convocations for Brazilian national team, economic affairs and soccer management of Brazilian teams. Then, it will be studied the English soccer case, subprime crisis and its consequences for soccer.

Key words:

- Brazilian soccer
- Soccer Management
- International Migrations

Sumário

Resumo

Abstract

Sumário

Introdução	1
.Uma visão geral da problemática	2
Capítulo 1.Migrações internacionais	6
1.1.A Doutrina das migrações internacionais	8
1.2.Evolução histórica das migrações internacionais	9
1.3.A Doutrina no Brasil	12
1.4.Evolução histórica das migrações no Brasil	14
1.5.1.Globalização	18
1.5.2.Globalização do futebol	20
Capítulo 2.Os motivos do êxodo	24
2.1.A influência nas convocações para a seleção	25
2.2.Retrato financeiro dos clubes brasileiros	29
2.3.Aspectos sociais	35
2.4.O retorno dos jogadores	38
Capítulo 3.A conjuntura atual do futebol	41
3.1.A viabilidade econômica do futebol europeu	41
3.2.A crise e o futebol	45
3.3.As oportunidades futuras	48
4.Conclusão	50
Bibliografia	

Introdução

Essa monografia visa identificar, enumerar, discutir a problemática sobre a saída dos jogadores de futebol brasileiros para o exterior. Por ser o esporte mais praticado e de maior relevância para os brasileiros, o futebol é um aspecto importante na vida social dos mesmos. Com a saída dos jogadores, os campeonatos disputados no Brasil perdem em qualidade e emoção.

Em um primeiro momento algumas considerações iniciais a respeito do assunto serão feitas, como uma análise sobre as migrações internacionais e a globalização do futebol. Quais foram os documentos históricos mais relevantes e influentes para a migração que ocorreu no Brasil nos últimos séculos, com destaque para os acontecimentos do século XX, pois esses influenciaram a dinâmica do futebol brasileiro e auxilia a melhor compreender do fenômeno.

No segundo capítulo, serão apresentadas algumas causas que motivam os clubes a venderem seus principais jogadores (naturalmente, os mais caros), tais como a necessidade de fazer capital, oriunda de uma má gestão dos clubes brasileiros que não conseguem equilibrar suas finanças e se vêem obrigados a lidar com enormes dívidas. A base da pesquisa é oriunda da obra *Bola Fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*, de Paulo Vinícius Coelho. A venda de jogadores é uma forma eficiente de se conseguir dinheiro rapidamente, mesmo que esse comércio seja prejudicial à qualidade técnica do time. Os jogadores ganham maior visibilidade na mídia atuando no exterior, o que facilita convocações para a seleção nacional, e conseqüentemente, aumentam suas chances de assinar contratos mais vantajosos, onde ganharão maiores salários e poderão atuar em clubes de maior prestígio. Conforme as décadas e as Copas do Mundo se passam, ocorre uma predominância cada vez maior de "estrangeiros" presentes nas listas de convocações, tornando a seleção cada vez mais distante do Brasil.

Então, no terceiro capítulo, será apresentado um fenômeno que contribuiu para minimizar esse problema (pelo menos temporariamente) sobre a saída desses jogadores: a crise do *subprime*, que arrasou economias no mundo inteiro nos mais diversos setores, inclusive o futebol. Um dos países que mais se beneficiaram da expansão ao crédito do ponto de vista futebolístico na última década foi a Inglaterra, e posteriormente foi um país onde os clubes, que estavam acostumados a grandes contratações, viu suas finanças serem prejudicadas fortemente pela crise. Como os

clubes europeus ficaram sem capital para contratar novos jogadores, apresenta-se uma chance para os clubes brasileiros conseguirem manter seus atletas aqui por um tempo maior, pelo menos enquanto os efeitos da crise durarem. Ou até mesmo repatriar outros que já estão no exterior, como foi observado ao final do ano de 2008 e ao longo do ano de 2009.

Outro fator que influencia a saída desses jogadores é o ciclo econômico pelo qual o mundo passa, com destaque para os países europeus, pois esses são os maiores importadores dos jogadores brasileiros. Esse fato também será abordado no terceiro e último capítulo.

Uma visão geral da problemática

Um dos aspectos mais relevantes no estudo das Relações Internacionais é o comércio internacional. Este processo vem se intensificando conforme as nações se inserem cada vez mais no processo de globalização. O Brasil é destaque internacional na exportação de café, laranja, açúcar, entre muitos outros produtos. Aqui trataremos sobre outro “produto” que vem aumentando significativamente a sua exportação: os jogadores do futebol brasileiro.

Esse é um segmento do mercado de trabalho caracterizado pela “meritocracia”, onde as empresas (clubes) precisam dos melhores trabalhadores, e os clubes detentores do capital, irão sempre procurar contratar os melhores, e mais caros, jogadores. Cientistas e executivos são produzidos em série pelas universidades, e se tornam bons profissionais de suas áreas devido à exaustão da repetição de suas atividades e muito estudo. Porém, para se tornar um destaque mundial no futebol, não basta que os jogadores repitam seus treinos exaustivamente. Ao longo de sua carreira, também é preponderante que os mesmos sejam dotados de habilidades inatas do tipo que não costumam ser meramente ensinadas, as quais lhes permitem oferecer espetáculos, pois apenas o esforço pessoal não é suficiente para se atingir o sucesso máximo possível. Esses trabalhadores da indústria do futebol são raros, e, portanto, são muito mais caros. Nas palavras de Falcão: “Um jogador só obtém êxito

se souber aproveitar as oportunidades oferecidas por uma carreira curta demais para permitir hesitações. “¹

O futebol acompanhou as transformações mais relevantes da história e da economia brasileira, como a industrialização e a urbanização. Conforme a população brasileira migrava do campo para a cidade, crescia uma demanda por entretenimento. E esse precisava ser barato ou de graça, pois a população brasileira, em sua maior parcela, não possui recursos financeiros para consumir caros espetáculos.

As torcidas se tornaram a identidade social pelas quais os brasileiros puderam deixar de ser nativos ou migrantes; pobres ou ricos; brancos, negros ou mestiços; dos bairros nobres ou periferias, nas grandes transformações político-culturais ocorridas no Brasil no século XX.

Indivíduos ao longo da vida podem mudar de moradia e de profissão, mudar suas opiniões acerca dos mais diversos assuntos, votarem em diferentes candidatos e partidos. Mas algo raramente muda: a paixão pelo clube de futebol e sua identidade com seus demais torcedores.

Desde as décadas de 1960, 1970 e 1980 já era considerada comum a venda de jogadores do futebol brasileiro para a Europa. Por exemplo, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, jogou com a camisa da *Udinese*, da Itália, entre os anos de 1983 e 1985. Mané Garrincha já atuou pelo Júnior de *Barranquilla*, da Colômbia, em 1968. Até o “rei” Pelé jogou na liga dos Estados Unidos da América entre 1975 e 1977.

Porém, desde a década de 1990 ocorre um verdadeiro êxodo de atletas. E não apenas para o continente europeu. Agora o seu destino tem sido a América Latina, Sudeste Asiático e Leste Europeu, atuando em clubes desconhecidos e sem nenhuma visibilidade. Os clubes brasileiros estão perdendo os melhores jogadores para os campeonatos italiano, espanhol, inglês e alemão. E os jogadores apenas medianos para países como Ucrânia, Rússia, Coreia do Sul, Japão, México, Bulgária e Arábia Saudita. Não estão conseguindo nem competir com nossos vizinhos, como Argentina, Uruguai e México.

Quais os motivos que levaram a esse êxodo? Porque esse fluxo é cada vez maior?

¹ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. Página 10.

É fato que assim como qualquer outro indivíduo, os jogadores são pessoas que podem escolher por qual clube eles desejam atuar. Porém, na prática, não é dessa forma que as transferências são realizadas. Na maior parte dos negócios, os jogadores não têm muito poder de escolha, pois estão presos a contratos, empresários e procuradores. Portanto é possível tratar os jogadores de futebol como uma mercadoria como qualquer outra, apesar de poderem ter alguma parcela na escolha de seu destino. A mais básica teoria econômica, a lei da oferta e da procura, explica a situação de uma forma simplificada. Assim como um barril de petróleo, um saco de trigo ou dólares, eles também estão sujeitos às leis do mercado. Ou seja, se há poucos bons jogadores disponíveis, seu preço irá encarecer. E se houverem muitos, ficarão mais baratos. A segunda opção se aplica ao caso brasileiro. A oferta é muito grande e, sabendo disso, muitos clubes funcionam apenas para essa peculiar atividade de exportação.

Três motivos explicam essa enorme oferta de jogadores. Primeiro: o Brasil possui a quinta maior população do mundo, ultrapassando os 190 milhões de habitantes em 2009. Segundo: o futebol é uma das maiores, se não a maior, fonte de entretenimento do povo brasileiro, o que motiva o interesse da maior parte dos jovens. O terceiro motivo é o futebol é simples de ser jogado. Tendo um par de chinelos e uma lata vazia pode-se praticar o esporte. O Brasil é um país com uma alta concentração de renda, que gera uma enorme quantidade de pessoas com dificuldades financeiras. Seduzidos pelos holofotes da mídia, qualquer garoto brasileiro sonha em ser um jogador de futebol. Por serem, em sua maioria, de classes baixas, problema que será abordado no segundo capítulo, os jovens brasileiros têm como sonho palpável se tornarem jogadores, pois devido à sua baixa escolaridade, é inviável que venham a ter profissões que exijam alta capacidade intelectual. Já em países desenvolvidos onde a educação é de alto nível, tal como a Alemanha, Inglaterra ou Itália, os jovens possuem mais alternativas, tais como se tornarem grandes empresários e executivos, pois possuem maiores recursos financeiros e oportunidades ao longo da vida de realizarem seus objetivos.

Também é interessante observar que muitos brasileiros estão se naturalizando para poder jogar por outras seleções, visto que não possuem muitas chances de jogar pela Seleção brasileira. Alguns exemplos: Oliveira, da Bélgica; Kevin Kuranyi, da Alemanha; Eduardo da Silva, da Croácia e Francileudo Santos, da Tunísia.

Por se tratar de um tema pouco explorado e sem livros publicados, a estratégia de pesquisa privilegiou a busca em sítios esportivos, jornais e revistas. Também foram utilizados livros e relatórios de análise como fonte de apoio para o tema principal com assuntos relativos à história, economia e gestão empresarial.

A proposta da pesquisa é expor, compreender, explicar e debater os motivos que levam os jogadores a deixar o país em busca de exercerem suas atividades profissionais em outros países, com destaque para a Europa.

Ao final, será utilizado como base um fenômeno da atualidade como fator para minimização temporária desse problema: a crise do *subprime*. Para explicar como ela influencia o mundo do futebol, o futebol inglês servirá como apoio e base comparativa para um estudo de caso para melhor compreender a questão e suas consequências para o futebol mundial e brasileiro.

Capítulo 1. As migrações internacionais

Nesse segundo capítulo será abordada a contextualização da problemática envolvendo a exportação dos jogadores do futebol brasileiro, com ênfase nas migrações internacionais em um aspecto geral e também no Brasil. Serão analisados os campos histórico e jurídico no que se refere às migrações internacionais. Logo após, será visto como o futebol foi inserido na atual época de globalização pela qual o mundo passa.

A circulação internacional de pessoas tem origem na história dos movimentos migratórios. Ao longo da história da humanidade nem sempre foi fácil como é atualmente, migrar pelo globo terrestre. Secas prolongadas, terremotos, fome em massa, solos pobres, climas hostis levaram o homem a abandonar seus refúgios originais e buscar melhores condições de vida em alguma outra parte da Terra a milhares de anos atrás.

Já nos últimos séculos, os motivos apontados por CARVAZERE² (2001) que levaram à migração, ganharam um caráter mais “injusto”, sendo motivadas por guerras, perseguições religiosas e políticas.

Outro forte fator estimulante às migrações pode ser meramente uma perspectiva do homem melhorar suas condições de vida, geralmente em terras menos populosas e mais abastadas que a originária.

Por ser um animal facilmente adaptável e que vive em sociedade, é relativamente fácil para o homem se mudar do meio em que mora para outro que ele entende ser mais favorável. Sendo assim, seja motivado por causas naturais, seja por motivos de ordem social e econômica, o homem em toda sua história nunca parou de circular pelo globo. Portanto, a migração em massa não é um fenômeno recente. Os movimentos populacionais são também consequências de crescimento demográfico, desenvolvimento (ou subdesenvolvimento) econômico, mudanças climáticas e mudanças no mercado. Assim como guerras, formação de novos Estados nacionais, violações de Direitos Humanos. Todos esses acontecimentos sempre presentes na história da humanidade.

² CARVAZERE, Thelma Thais. *Direito Internacional da pessoa humana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

As migrações se subdividem em emigração e imigração. A migração pode ser meramente um movimento interno em uma região ou Estado. Quando ela ganha um caráter de saída de população é chamada de emigração. Já quando o deslocamento é de fora para dentro temos a imigração.

A emigração traz consigo muitas mudanças significativas tanto para os países de origem como para os países de destinos dos migrantes. Geralmente os migrantes constituem elementos de desordem onde se estabelecem, e não de prosperidade. Quando chegam em grande número ao local de destino, podem não ser absorvidos pela demanda econômica e acabam vivendo como estrangeiros marginalizados. Outra consequência prejudicial constitui-se do migrante geralmente aceitar salários mais baixos do que a população local, o que gera diminuição dos salários nativos. Além disso, os migrantes costumam ter familiares em seus países de origem e remetem parte de seus ganhos para estes, gerando transferência de capital para os estrangeiros.

Compreende-se então que o tema das migrações é um problema muito relevante para os Estados nacionais. É comum encontrar na Doutrina jurídica dos mesmos o entendimento de que são eles que devem ditar as regras para a migração. Sendo assim, os Estados são soberanos para determinar se vão aceitar ou não esses fluxos populacionais. Estados serem soberanos para resolver suas leis e assuntos internos é uma idéia amplamente aceita pelos internacionalistas. Porém, o direito de ir e vir é considerado um direito inerente ao homem, fazendo parte da Declaração dos Direitos do Homem pelas Nações Unidas. Portanto Carvazere afirma que existem duas idéias consistentes e contraditórias sobre as migrações:

1 - O Homem é detentor do direito de Autodeterminação Pessoal, portanto pode escolher livremente aonde deseja ir.

2 - Os Estados Nacionais possuem soberania para legislar sobre questões relativas a quem eles permitem que saiam de seu território e quem está autorizado a atravessar suas fronteiras.

Segundo Carvazere, o principal internacionalista do século XVIII foi o suíço *Emmer de Vattel* e é defensor da teoria que por serem soberanos, os Estados poderiam livremente decidir quais os estrangeiros poderiam adentrar seu território. Porém, o Estado só deveria recusar a admissão do estrangeiro se tivesse um motivo plausível. Se a recusa fosse injustificada o Estado estaria cometendo abuso

de direito. Nas palavras de CARVAZERE (2001) sobre *de Vattel*: “Sustentava que o cidadão, ao atingir a idade da razão, podia avaliar se lhe era conveniente manter-se na sociedade em que nascera, ou juntar-se àquela para qual desejava dirigir-se. Se não achasse conveniente ficar, deveria ser senhor absoluto da decisão de sair. Acrescentava que se o Estado lhe recusasse permissão de viajar, quando não havia óbices, nem inconveniente ou perigo para o próprio Estado, estaria este incorrendo em abuso de poder e reduzindo os indivíduos a uma escravidão insuportável. ”

1.1. A doutrina das migrações internacionais

Muitos documentos de enorme valor histórico discursam sobre esse assunto. Por exemplo, a Carta Magna garantia aos mercadores em seu artigo 42 “ liberdade de sair de nosso Reino, e de retornar, em segurança, por terra ou água, guardando-nos obediência, exceto em tempo de guerra, por breve espaço de tempo, para o bem comum do Reino; excetuando-se os prisioneiros e os fora-da-lei, de acordo com as leis do país, e das pessoas da nação que estiver em guerra conosco.”

Também versa sobre o assunto o título I da Constituição Francesa de 1791, garantindo como direito civil e natural, “-a liberdade de cada um de ir, de ficar, ou de sair, sem ser impedido ou preso, a não ser de acordo com procedimentos estabelecidos na Constituição”.

Talvez o mais importante documento sobre o assunto seja a Declaração Universal dos Direitos do Homem da ONU, de 1948, por ser um documento mais explícito e formal que os anteriores. O artigo 13 diz que “ 1. Todo homem tem o direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2. Todo homem tem direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar. ”

Apesar de todas essas garantias, a aceitação universal do direito de ir e vir não é sempre vista na prática. Muitos países impõem restrições ligadas à emissão de passaporte ou simplesmente decisões arbitrárias a que tem direito impedem que cidadãos entrem ou saiam de suas fronteiras.

Outros documentos prevêm direitos mais detalhados sobre o assunto, como o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos de 1966, que afirma em seu artigo 12: “ 1. Todo indivíduo que se encontre legalmente no território de um Estado

terá o direito de circular livremente por ele e de livremente estabelecer sua residência dentro dele. 2. Todo indivíduo terá o direito de sair livremente de qualquer país, inclusive do seu próprio. 3. Os direitos acima mencionados não poderão ser objeto de restrições, salvo quando estas se encontrarem estabelecidas em lei e forem necessárias para proteger a segurança nacional, a ordem, a saúde e a moral pública, ou os direitos e liberdades dos outros, e forem compatíveis com os demais direitos reconhecidos no presente Pacto. 4. Ninguém poderá ser arbitrariamente privado do direito de entrar em seu próprio país. ”

Como dito no Pacto, o direito de ir e vir não é absoluto, devendo ter em vista algumas limitações, tais como a segurança nacional, a ordem pública, a saúde pública, a moral pública, direitos e liberdades de terceiros e compatibilidade com outros direitos.

1.2. Evolução histórica das migrações internacionais

Ao longo da história, as regiões do globo que obtiveram maior desenvolvimento cultural e tecnológico foram aquelas que estavam intimamente ligadas às migrações, como o Mediterrâneo, litoral chinês, Leste da América, Índia e o Oriente próximo. Foram regiões expostas à migração. Por outro lado, as áreas que atualmente apresentam maior atraso são justamente aquelas que se isolaram no passado, tais como Etiópia, Iêmen, Tibet, Amazônia e ilhas do Pacífico.

Com o passar dos séculos, as migrações tiveram diferentes significados. Em torno do ano 20 mil a.C. o homem já estava presente em todos os continentes, exceto pela Antártida, fato não alcançado por nenhuma outra espécie animal. Na pré-história os homens migravam em busca de novas áreas habitáveis, visando garantir sua sobrevivência.

No decorrer dos séculos e milênios as migrações foram desenhando o mundo que hoje é conhecido, transformando significativamente o perfil dos continentes. Segundo Alexandre de Freitas Barbosa, em sua obra “O mundo globalizado”, nem sempre houveram franceses na França ou decentes britânicos na Austrália. A Espanha já foi habitada por islâmicos. Os búlgaros já viveram na Ásia Central. A Ucrânia já foi habitada por turcos. Já houveram apenas índios em toda a América.

De acordo com BARBOSA (2003) as invasões bárbaras, migrações colonizadoras e migrações forçadas são consideradas as primeiras migrações registradas na Antiguidade. As invasões bárbaras consistem nos ataques realizados pelos Lombardos, Vândalos, Godos e outros povos sobre Roma. As migrações colonizadoras consistem na ocupação dos territórios do Mediterrâneo, tais como a Fenícia, Cartago, Grécia, etc. As migrações forçadas se referem à escravidão na Antiguidade. Conforme conquistavam novos territórios, os gregos escravizavam os derrotados, principalmente os oriundos do Egito e da Ásia Menor. Com a decadência grega, os próprios também foram escravizados pelos Romanos. Mas nessa época também houveram migrações voluntárias. As grandes cidades antigas, como Alexandria, Roma, Mênfis, Jerusalém, Atenas, Babilônia, Tebas, foram todas destino dos migrantes.

Já a idade média compreende a época entre duas grandes ondas de migração: as invasões germânicas que derrubaram o Império Romano e as invasões turcas que causaram o colapso de Constantinopla.

A Idade Moderna (século XIV até o século XVIII) foi uma época de transição no campo das migrações. Elas perderam o caráter de invasão e ganharam o aspecto de descoberta. O descobrimento da América e a significativa melhora das técnicas de transportes foram responsáveis pelos enormes deslocamentos de população nos dois séculos seguintes. Vale ressaltar que nesse período também foram significativas as migrações forçadas que caracterizaram a Antiguidade. Diversos povos africanos foram arrancados da África para serem escravizados na América.

A Idade Contemporânea, que vivemos ainda hoje, iniciada na Revolução Francesa de 1789, foi marcada principalmente pelo enorme fluxo de migrantes para povoar a América em busca de novas oportunidades de vida. As emigrações de portugueses, espanhóis, ingleses, irlandeses, eslavos, franceses, alemães, foram contextualizadas num ambiente de grande liberalismo político e econômico, favorecido pelos avanços tecnológicos e expansão do capitalismo. Em 1750, as populações da América e da Oceania representavam 3% do total do mundo. Em 1930 esse número saltou para 16%.³

³ CARVAZERE, Thelma Thais. *Direito Internacional da pessoa humana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

Já no século XX e nesse início de século XXI, temos a época que possui a maior quantidade de trabalhadores migrantes do que qualquer outra. Não há nenhuma região do globo que não tenha seu contingente. Até mesmo a até então inexplorada Antártida possui pesquisadores e cientistas dos mais diversos cantos do planeta. Todos os motivos listados em outras épocas e alguns outros, também estão presentes atualmente: guerras, insegurança, perseguições ideológicas, discriminação relativas à religião, sexo, etnia, cor de pele, idioma ou opinião política figuram entre as causas dos deslocamentos populacionais.

Há também um novo elemento que caracteriza as migrações atualmente. Até o início do século XX, um traço marcante de processo migratório era a definitividade. O homem costumava se fixar permanentemente no novo território. Mas atualmente, com os fenômenos da revolução industrial e avanço do capitalismo, a migração se tornou temporária.

Dentro do próprio Estado também houve movimento migratório. Conforme CASTRO ⁴ (2000), as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 foram marcadas pelo êxodo rural, uma migração dentro das fronteiras de diversos países. Tal como a transferência de população de países subdesenvolvidos para os desenvolvidos. Com as independências de dezenas de países na África, diversos migrantes tentam obter melhores condições de vida em suas antigas metrópoles européias. Graças a esse processo, diversas medidas restritivas ao controle de fronteiras vem sido tomadas.

Mas não são apenas trabalhadores pobres e sem instrução que fazem parte desse deslocamento. Profissionais altamente qualificados também procuram se mudar para outros países. Esse fenômeno é conhecido como *Brain Drain*, conceito utilizado inicialmente para descrever profissionais que se deslocaram, na década de 1960, da Inglaterra para os Estados Unidos. Sendo assim, esses profissionais emigram para realizar trabalhos que normalmente seriam impossíveis em seus países de origem.

Os países importadores de mão-de-obra podem ser divididos em dois grupos. Alguns, como os Estados Unidos, são considerados imigrantistas, onde o estrangeiro procura se fixar permanentemente e até mesmo adquirir nova

⁴ CASTRO, Mary Garcia. *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*, Brasil 2000/ Coordenadora Mary Garcia Castro. Brasília: CNPD, 2001

nacionalidade. Esses países dificultam bastante a entrada de estrangeiros, às vezes até mesmo turistas têm dificuldades para adentrar suas fronteiras. O outro grupo é constituído principalmente por países da Europa Ocidental, que se consideram não-imigrantistas e não dificultam a entrada de turistas. Porém visam receber estrangeiros para trabalhar na alta temporada, contratando mão-de-obra barata, escassa nos mesmos. Na Alemanha, por exemplo, estrangeiros não podem permanecer mais do que três meses, a menos que possuam licença, a qual é concedida discricionariamente pelo governo.

1.3. A Doutrina no Brasil

Carvazere cita em sua obra “Direito internacional da pessoa humana” o que todas as constituições vigentes no Brasil diziam sobre a questão das migrações. A jurisprudência brasileira citou os problemas relativos à migração em todas as suas Constituições de uma forma favorável aos migrantes. A primeira Constituição do Império, de 1824, no título oitavo “ Das disposições Gerais, e Garantias dos Direitos Civis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros”, garantia no inciso sétimo: “ Artigo 179. A inviolabilidade dos Direitos Civis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte, VI. Qualquer póde conservar-se, ou sahir do Império, como lhe convenha, levando consigo os seus bens, guardando os Regulamentos policiaes, e salvo o prejuízo de terceiro. “

A Constituição seguinte, promulgada em 1891, ampliava a liberdade de ir e vir e suprimia a necessidade de passaporte, porém apenas em tempos de paz. Assim dispunha o artigo 72, parágrafo décimo, da secção II, título IV: “ Artigo 72. A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á individualidade e á propriedade nos termos seguintes: Par. 10. Em tempos de paz, qualquer póde entrar no território nacional ou delle sahir, com a sua fortuna e bens, quando e como lhe convier, independentemente do passaporte. “

Já a Constituição de 1934 era igual a anterior, exceto com uma diferença: a entrada de estrangeiros era submetida ao passaporte.

Na Constituição Federal de 1937 estavam garantidas expressamente a livre circulação e a livre escolha de residência no âmbito interno do território nacional, conforme o artigo 122. “ A Constituição assegura aos brasileiros e estrangeiros residentes no país o direito à liberdade, à segurança nacional e à propriedade, nos termos seguintes: 2 – Todos os brasileiros gozam do direito de livre circulação em todo o território nacional, podendo fixar-se em qualquer dos seus pontos, aí de adquirir imóveis e exercer livremente a sua atividade. ”

As Constituições Federais de 1946 e 1967 traziam trechos idênticos. Assim dizia o Artigo 150 do Capítulo IV da Constituição de 1967: “ A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: Par. 26 Em tempo de paz, qualquer pessoa poderá entrar com seus bens no território nacional, nele permanecer ou dele sair, respeitados os preceitos da lei”.

Finalmente, a Constituição de 1988, proibia quaisquer distinções relativas a nacionais e estrangeiros, tema que ainda não havia sido abordado. Assim reza o Título II do Capítulo I: “Art.5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XV - é livre a locomoção no território nacional em tempos de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”.

Compreende-se da análise das Constituições de nosso país que, desde a época do Império até a atualidade, o direito de ir e vir sempre foi reconhecido, podendo entrar, sair, permanecer e regressar sem restrições discricionárias, como presentes em outros Estados.

Vale ainda ressaltar que, de acordo com o Estatuto do Estrangeiro, o exercício de atividade remunerada é vedado ao estrangeiro que se encontre em território nacional. Já aquele que reside no Brasil, detentor de visto permanente, tem direito a todos os direitos também reconhecidos aos brasileiros.

1.4. Evolução histórica das migrações no Brasil

No Brasil, a imigração vinha sendo estimulada ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, pois era desejável por parte do império português o aumento da população para ocupar o vasto e inexplorado território brasileiro. Durante esse período destacam-se a vinda de negros africanos para serem escravos e de portugueses para serem seus senhores.

Porém, durante o século XIX, por medidas restritivas ao tráfico negreiro tomadas pela Inglaterra, que visava criar mercado consumidor para seus produtos, foi estimulado no Brasil o trabalho livre. Então, em meados desse século foi marcante a imigração de europeus que se encontravam em dificuldades em seus países, com destaque para os italianos e alemães. Esse movimento populacional foi também desejado pelo Estado para o “embranquecimento” da população brasileira.

No Brasil, essa migração de europeus é largamente conhecida, assim como a de árabes e japoneses no início do século XX. Porém, não se fala sobre a diminuição dessas migrações nas últimas décadas. Tampouco sobre a clandestinidade de algumas migrações vindas dos países vizinhos, em destaque para a Bolívia. Assim como muitos brasileiros migraram para países limítrofes, a maioria de forma ilegal.

Em Outubro de 1997, durante a realização do I Simpósio Internacional sobre Emigração Brasileira, o presidente da Casa do Brasil, Carlos Vianna, deu a seguinte declaração sobre o tema lamentando a condição dos emigrantes brasileiros: “Os emigrantes brasileiros por esse mundo afora continuam carentes de uma política minimamente refletida, democraticamente decidida e eficazmente coordenada e executada em relação aos seus múltiplos problemas e à sua própria existência enquanto cidadãos brasileiros residentes no exterior. Ou seja, a questão não desaparece porque pouco se faz, por parte das várias partes envolvidas, inclusive por parte dos próprios imigrantes. ”

Em meados do século XX as migrações brasileiras se tornaram internas, principalmente com a vinda de nordestinos para o Estado de São Paulo. Essas migrações eram motivadas por problemas sociais, tal como a carência sanitária e a falta de oportunidades de trabalho.

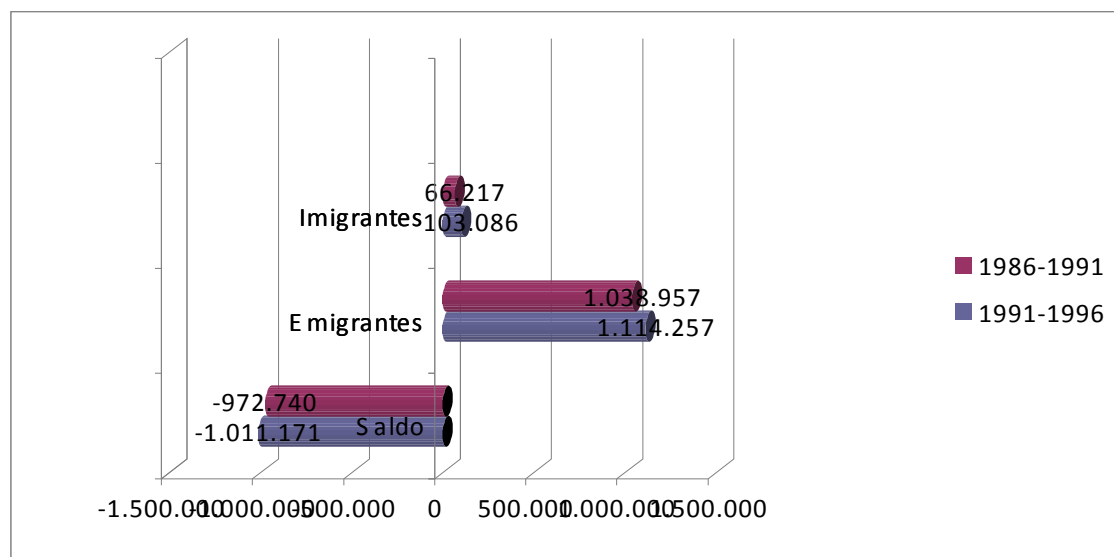
Na década de 1970 os movimentos dos migrantes brasileiros mais notáveis foram os “ exilados da crise “. Fazendo ligação às crises do petróleo ocorridas nos anos de 1973 e 1979. Também foram importantes o banimento de diversos políticos pelo repressivo regime militar pelo qual era regido o nosso país durante esse período.

Nos anos 80, com a melhora dessas condições sociais, os movimentos populacionais ganharam um caráter mais complexo. A Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd) aponta os seguintes motivos: a redução de volume dos fluxos migratórios internos de longa distância, o maior peso das migrações de curta distância e intra-regionais, a maior incidência das migrações de retorno, a alteração da tendência à concentração urbana nas grandes cidades e regiões metropolitanas e a emigração internacional.

Até então o Brasil era um país de caráter “imigrantista”, mas esse quadro se alterou quando o país passou a exportar uma parte relevante de sua força de trabalho.

Analisemos o balanço de fluxo de pessoas no Brasil durante o período entre 1986 e 1996, conforme dados da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento:

Evolução dos migrantes no Brasil durante 1986 e 1996:



Quadro 2.1 – Evolução dos migrantes no Brasil durante 1986 e 1996. (Fonte: CASTRO, Mary Garcia. *Migrações internacionais*, contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001)

Depreende-se pelo gráfico um aumento tanto dos imigrantes quanto dos emigrantes. Porém, há um fluxo de saída. Enquanto no primeiro período os

emigrantes eram em 1.038.086, no segundo momento aumentou para 1.114.257. Já as entradas de migrantes tiveram um aumento de aproximadamente 55%, saindo de 66.217 para 103.086.

CASTRO (2001) também evidencia que no final do século XX o Brasil, que era um importador de migrantes passou a ser exportador. A emigração brasileira que até então era pouco importante passou a ser significativa e houve um aumento na vinda de coreanos e bolivianos para o país.

Essa nova dinâmica constitui a nova realidade da migração brasileira. Vale ressaltar que esses movimentos são voluntários, ao contrário dos ocorridos nos séculos passados relativos à escravidão e de refugiados.

Percebe-se que geralmente as migrações internacionais são um reflexo de algum outro fenômeno político, econômico ou social que ocorre em certos lugares do globo. Por exemplo, para trabalhar nos canaviais de açúcar e nas minas de ouro durante os séculos XVII e XVIII, os escravos foram trazidos da África. Há, então, uma motivação econômica que justifica tal movimento migratório.

Atualmente as migrações ainda seguem essas mudanças estruturais do contexto econômico mundial, pois muitos brasileiros procuram novas oportunidades de emprego em outros países, com destaque para os Estados Unidos, Europa e Japão.

Assim como muitos outros povos latino-americanos, muitos brasileiros procuram entrar ilegalmente nos Estados Unidos, mas os brasileiros constituem uma comunidade diferente das outras que lá vivem. Uma das particularidades é o fato dos mesmos não se interessarem por formar comunidades fechadas ao contrário do que fazem os mexicanos ou cubanos, por exemplo. O que explica esse fenômeno é o fato dos brasileiros geralmente verem suas migrações como temporárias, visando apenas ganhar algum dinheiro e futuramente retornar à sua terra natal. Ao contrário de outros povos, que visam permanecer em território americano junto com suas famílias. CASTRO (2001) também mostra que os brasileiros formam um caso a parte por não poderem ser classificados etnicamente como "latinos", sendo que possuem diversas origens étnicas, como às vistas nos parágrafos acima. Outro fator que torna os brasileiros um caso a parte é o fato de serem os únicos latinos a falarem o português, ao contrário da maioria que tem no espanhol sua língua oficial.

Mas não são todos os migrantes que se encontram em situação ilegal. É também relevante quantitativamente os brasileiros que vivem legalmente em outros países. Como uma parcela significativa da nossa população possui descendência européia muitos conseguem viver legalmente em países como Portugal ou Itália como cidadãos. Porém, não é por isso que deixam de ser discriminados. Como a maioria possui baixa qualificação profissional concorrem com os jovens locais pela vagas de trabalho, favorecendo a manutenção de baixos salários. O mesmo padrão pode ser visto na Europa pela vinda de trabalhadores dos países do leste europeu para os países da parte oeste. Esse movimento é conhecido como o "medo do encanador polonês." Devido a esses fatores, os brasileiros estão encontrando cada vez mais dificuldades para migrarem para a Europa, tendo em vista que a União Européia vem tomando medidas restritivas para a vinda de novos imigrantes.

Já a imigração de outros povos latinos para o Brasil, se intensifica na década de 1970. Inúmeros imigrantes oriundos de países vizinhos vêm para o Brasil, com destaque para chilenos, bolivianos e paraguaios. Esses imigrantes latinos também sofrem uma série de dificuldades e preconceitos, tal como os brasileiros na Europa e nos Estados Unidos. Entre as principais motivações desse movimento migratório podemos citar o fato do Brasil ser a maior potência econômica da América do Sul e esses países terem vivido regimes militares durante as décadas de 1970 e 1980.

Na época do Mercantilismo, as nações competiam para atrair os imigrantes. Passada essa época o tratamento a eles sofreu profundas transformações. Pressões populacionais, subdesenvolvimento, tráfico, entre outros motivos, levou muitos países a impor severas restrições á entrada de estrangeiros em seus territórios. Os meios de transportes evoluíram muito ao longo dos últimos dois séculos, tornando-se rápidos e acessíveis. Esse fato somado ao aperfeiçoamento tecnológico e rápida comunicação desperta expectativas naqueles que não desejam mais permanecer em seus países de origem. Além de construir a história das migrações esse processo também veio a construir o processo que hoje é chamado de globalização.

1.5.1. A globalização

Durante os últimos anos (ou décadas) ouve-se muito falar sobre o processo de globalização. Um processo que leva informações, produtos, serviços, pessoas, empresas, cultura, capital, transmissão de jogos de futebol para quase todos os cantos do globo. Apesar de algumas exceções, tais como a censura do partido comunista chinês, bolsões de pobreza na África subsaariana e ditaduras como Cuba e Coreia do Norte, a globalização ignora fronteiras nacionais.

Muitos acreditam que esse é um fenômeno novo, oriundo de um passado recente. Certamente vive-se agora o período mais acentuado da globalização, mas ela já é realidade há muitas décadas, talvez séculos. As feiras comerciais do final da Idade Média, que rodavam a Europa vendendo produtos, já podem ser consideradas parte do processo. O Brasil colonial produtor de açúcar também pode ser usado como exemplo para descrever o processo: a mão-de-obra utilizada era oriunda da África, os “empresários” eram os portugueses, o capital vinha da Holanda e os consumidores eram os ingleses.

Atualmente, para boa parte dos cidadãos do século XXI, é possível saber, em tempo real, por meio da televisão ou da internet, encontros entre líderes mundiais, oscilações na Bolsa de Valores de Londres, conflitos entre israelenses e palestinos, lançamentos de novas tecnologias para telefones celulares, transmissão ao vivo de partidas de futebol, entre muitas outras atualidades. É possível obter informações atualizadas mais rapidamente do que em qualquer outra época da história da humanidade. Sendo assim, empresas, indivíduos e governos estão conectados a uma grande rede de informações que produz impactos políticos, econômicos, culturais profundos para todas as sociedades do globo.

No aspecto econômico, os produtos que são consumidos no Brasil são cada vez mais produzidos no exterior, assim como produtos brasileiros são também vendidos lá fora. A fabricante de calçados Nike produz boa parte de seus tênis na Indonésia. Bangcoc, capital da Tailândia, possui diversas fábricas das montadoras de automóveis japoneses Mitsubishi e Honda. Mas a globalização não afeta todos os países da mesma forma. Esse processo aproxima e integra as economias de todo o mundo, mas ela não diminui a pobreza e nem as diferenças sociais

existentes. As divisões existentes atualmente entre países desenvolvidos (Inglaterra, Canadá, Japão), países em desenvolvimento (Brasil, México, China) e países subdesenvolvidos (Etiópia, Haiti, Bangladesh) são mantidas. Portanto, globalização não é sinônimo de uniformidade ou homogeneização das condições econômicas vigentes.

Pelo lado político foi possível acompanhar o julgamento do líder iugoslavo Slobodan Milosevic sendo julgado pelo Tribunal Penal Internacional, na Holanda, pelo massacre promovido em Kosovo. Eleições e mudanças de governo em diversos países têm repercussão e conseqüências por todo o planeta. Essas mudanças influenciam interesses de empresas, investidores internacionais e trabalhadores migrantes de outros países.

Consumidores ao redor do globo se recusam a comprar produtos que sejam produzidos por mão-de-obra infantil ou escrava. Ecologistas de todo o mundo defendem a flora e a fauna de qualquer país além dos seus. ONGs combatem a pornografia infantil difundida na internet. Sendo assim, a globalização não é meramente um fenômeno de expansão de mercados além das fronteiras nacionais. Um de seus outros efeitos é a propagação internacional de valores morais e sociais.

Dito isso, Alexandre de Freitas Barbosa, em sua obra "O Mundo globalizado" assim conceitua globalização: "Expansão dos fluxos de informação – que atinge todos os países, afetando empresas, indivíduos e movimentos sociais -, pela aceleração das transações econômicas – envolvendo mercadorias, capitais e aplicações financeiras que ultrapassam as fronteiras nacionais – e pela crescente difusão de valores políticos e morais em escala universal. "⁵

Já no aspecto cultural, é possível notar que filmes e músicas são apreciados em vários pontos do globo. Indústrias cinematográficas e gravadoras são detentoras de trabalhos culturais de artistas ao redor do mundo. Uma cidade americana como Miami tem o espanhol como um idioma quase oficial. Novelas brasileiras são acompanhadas no México. Celulares finlandeses da Nokia são vendidos em inúmeros países. Porém, é de outro aspecto cultural que a monografia trata: o futebol.

⁵ BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado*. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2003. Páginas 12 e 13.

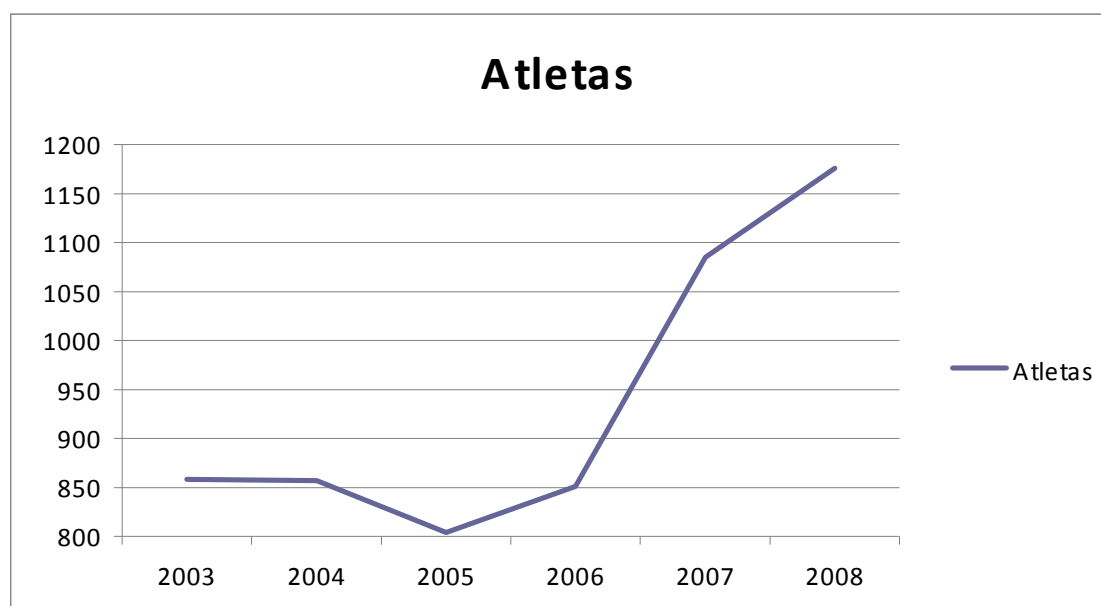
1.5.2. A globalização do futebol

A globalização é um processo ainda incompleto em vários aspectos. Porém, pode-se dizer que o futebol cumpriu muito bem sua inserção em um mundo globalizado. Clubes gigantes do futebol europeu, tais como *Real Madrid*, *Barcelona*, *Manchester United*, *Chelsea*, *Arsenal*, *Bayer München*, *Roma*, *Internaziale*, *Milan* e *Juventus* são conhecidos em praticamente qualquer lugar do mundo. Arrecadando fortunas com vendas de camisas, bonés, bandeiras. Recebendo patrocínios milionários. Marcas esportivas, sendo *Nike*, *Puma*, *Adidas*, *Reebok* as mais famosas, patrocinam clubes e jogadores, espalhando publicidade e sendo conhecidas pelo globo. Jogos comemorativos visando ações sociais mostram a força de camisas, seleções e entidades. Ronaldo Nazário de Lima, o Ronaldinho, passou anos machucado e continuou sendo uma celebridade global, ora se casando, ora tendo filho, ora se separando, ora promovendo ações humanitárias na África. Aspectos que nada tem a ver com sua profissão. Ao longo dos últimos anos chegou a ter o terceiro rosto mais conhecido do planeta, perdendo apenas para o Papa João Paulo II e o ex-presidente americano George W. Bush. A Copa do mundo, evento que ocorre a cada quatro anos, foi transmitida para 214 países e territórios em 2006. Exemplos como esses demonstram como o futebol definitivamente se inseriu permanentemente no mundo globalizado.

Ao longo das últimas décadas, o futebol deixou de ser meramente um esporte e se inseriu no mundo capitalista vigente na atualidade. Os detentores dos jogadores, os clubes, ganham cada vez mais aspectos de empresas, onde o lucro e a eficiência são indispensáveis para o bom andamento do negócio. Não há mais como pensar nessas instituições fora desse contexto.

No ano de 2008 foi batido o recorde de transferência de jogadores de todos os tempos, como mostra dados do jornal *Correio Braziliense*:

Evolução da saída de jogadores do futebol brasileiro



Quadro 2.2 - Evolução da saída de jogadores do futebol brasileiro (Fonte: Jornal Correio Braziliense, caderno de esportes, páginas 38 e 39, Brasília, 1º de Fevereiro de 2009)

O quadro acima mostra que no século XXI, o número de jogadores já ultrapassou a casa de mil. Entre os anos de 2003 e 2008 houve um acréscimo significativo de 37,6%.

Porém, nas décadas de 1960 e 1970 eram poucos os jogadores que deixavam o país. Essa saída se tornou mais comum a partir da década de 1980, mas apenas para aqueles que já eram considerados jogadores consagrados. Na década de 1990 se tornou comum essa emigração. Na primeira década do século XXI a saída já se tornou um êxodo. Atualmente já é esperado que qualquer jogador que tenha um mínimo destaque em seu clube seja vendido para um time do exterior.

O futebol se tornou, nas últimas décadas, um dos negócios mais lucrativos de que se tem notícia no globo. E o Brasil, considerado o país do futebol, tem exportado seus jogadores para abastecer o mercado mundial. E esse tem sido um mercado com boas perspectivas de lucro, bem superiores a de outras modalidades de investimentos.

O zagueiro Henrique, saiu do Coritiba/PR para o Palmeiras/SP em janeiro de 2008, contratado por R\$6,5 milhões de reais, conforme matéria publicada pela Revista Veja⁶. Em Agosto de 2008, o mesmo foi vendido para o Barcelona/Espanha

⁶ COURA, Kalleo. **Chuteiras que valem ouro**. Revista Veja. 2009, número 19, páginas 76-85.

por R\$ 22,4 milhões, representando uma valorização de 195,4% em seis meses. Esse é um grande lucro se compararmos com outras modalidades de investimento.

Valorização ainda maior teve o também zagueiro Breno, até 2008, jogador do São Paulo/SP. O clube paulista contratou o jogador em troca de um apartamento no valor de R\$ 500 mil reais e cinco meses depois, o atleta foi vendido para o *Bayern München*/Alemanha por R\$ 40 milhões, equivalente a um aumento de 2300%.

Esses são exemplos de excelentes negócios que envolvem a venda de jogadores de futebol, demonstrando que essa modalidade de investimento foi, nesses casos, muito mais vantajosa do que as seguintes modalidades tradicionais durante o ano de 2008:

Rendimento percentual de modalidades tradicionais de investimento durante o ano de 2008

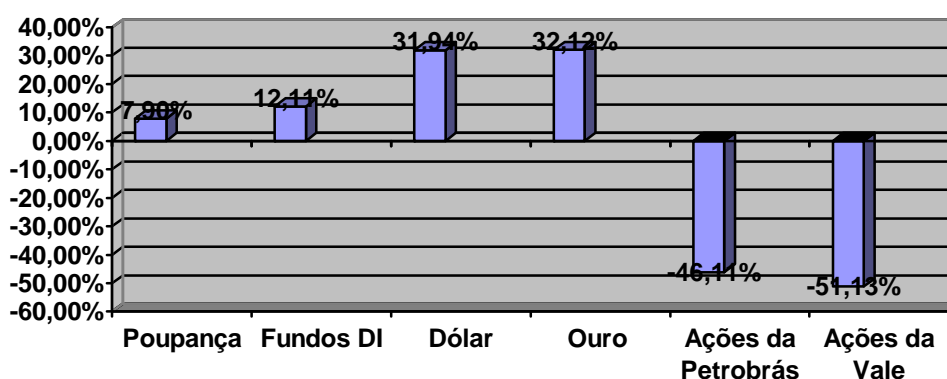


Gráfico 2.3 - Rendimento percentual de modalidades tradicionais de investimento durante o ano de 2008
(Fonte: Revista Veja, 2009, número 19, página 85)

Investir em jogadores de futebol se tornou um bom negócio nos últimos anos, como demonstrado nas análises acima, podendo chegar aos 2300% de valorização como foi o caso do zagueiro Breno. A tradicional poupança, investimento preferido pelos brasileiros, obteve meros 7,9%; patamar pouco variado em longo da última década. Mas ainda melhor do que as grandes perdas registradas pela Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), onde suas *bluechips*⁷ Petrobrás e Vale obtiveram rendimentos negativos de, respectivamente, -46,11% e -51,13% durante o ano de 2008.

⁷ Ações mais líquidas e negociadas em bolsas de valores.

Diante de tais rendimentos, é possível compreender porque tem se tornado cada vez mais comum e do interesse de diversos participantes (empresários, olheiros, procuradores) essa emigração de jogadores ao redor do globo. Cada vez que um desses atletas migra, uma grande quantia de capital é movimentada, gerando rendimentos para os envolvidos.

Os dirigentes equilibram as finanças de seus clubes. Os empresários e procuradores ganham uma porcentagem do total ganho com a venda do jogador. Os atletas se interessam em serem vendidos, pois aumentam sua visibilidade internacional e ganham maiores salários. O lucro dessa atividade é apenas o ponto de partida da análise. Muitos outros fatores também estão envolvidos.

Capítulo 2. Os motivos do êxodo

Não é apenas essa motivação financeira que levam os jogadores a deixarem o país em busca de trabalhar em outros lugares. Diversos motivos ajudam a explicar o fenômeno, tais como: a melhor situação financeira de clubes estrangeiros frente aos brasileiros, a má gestão dos clubes brasileiros, a influência nas convocações para a seleção brasileira e a violência urbana que impera no Brasil. Esses serão os campos analisados nesse segundo capítulo.

Nas palavras de COELHO⁸ (2009): “ Os campos brasileiros se esvaziavam de talento, mas o país vivia com a expectativa de que uma geração de craques se firmasse. Dessa história fazem parte jogadores como Muller e Silas, já presentes à Copa do Mundo do México, 1986; e campeões mundiais Sub-20, em 1985; Romário, revelação vascaína de 1985; Bebeto, já com passagem pela Seleção com o técnico Evaristo de Macedo, em 1985; e ainda havia Renato Gaúcho, no auge da forma, exuberante campeão brasileiro de 1987 pelo Flamengo. Se a estrutura não era a melhor, havia esperança, antes de a Itália e a Espanha abrirem seus mercados para o terceiro estrangeiro por clube – eram dois a partir de 1982 – na temporada 1988-1989. A grande realidade do final dos anos 1980 era cruel: o Brasil não podia competir nem manter a maior parte de seus jogadores. Os valores subiam de maneira assombrosa. Em 1983, Zico foi vendido para a *Udinese*, aos trinta anos, por dois milhões de dólares. Seguiu para o mercado italiano, o mais rico do planeta àquela época. Em 1988, Romário deixou o Vasco, apanhou o avião da KLM e desembarcou em Eindhoven para jogar pelo PSV. O preço? Seis milhões de dólares. ”

Mas por que a década de 1980 representou um marco na saída dos jogadores do futebol brasileiro? É fato que desde o início do século XX os atletas já realizavam essa emigração, mas nessa década o movimento se intensificou. A parte fundamental da explicação recai sobre o futebol italiano.

Após resultados ruins nas Copas do Mundo das décadas de 1950 e 1960, a Itália decidiu proibir a contratação de jogadores estrangeiros, pois entendia que os

⁸ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. Página 18.

mesmos eram prejudiciais à sua seleção. Se muitos estrangeiros jogassem na Itália, haveria menos espaço para os nacionais se destacarem e formarem seleções competitivas. E assim foi feito a partir de 1966, onde estrangeiros estavam impedidos de atuar por clubes italianos. O resultado foi obtido com razoável rapidez: em 1968 os italianos venceram a Eurocopa e em 1970 foram vice-campeões do mundo. O sucesso que esse modelo proporcionou à seleção nacional foi contrário em seus clubes. Sem poder contratar atletas estrangeiros, os clubes italianos se enfraqueceram, resultando em campanhas ruins dos mesmos. Os dirigentes dos clubes pressionaram a federação nacional para acabar com a proibição durante catorze anos, até que em 1980, a contratação de estrangeiros foi novamente permitida. Com o sucesso alcançado por Paulo Roberto Falcão, outros brasileiros seguiram para a Itália, onde em 1982, foram permitidos dois estrangeiros por clube.

No caso italiano, houve uma relação entre disputas entre clubes e seleção nacional. Devido à proibição de estrangeiros, a seleção se fortaleceu e os clubes se enfraqueceram. No Brasil, a seleção também é decisiva quando se trata do aspecto da saída dos jogadores. Porém, de outra forma.

2.1 A influência nas convocações para a seleção

Jogar fora do Brasil certamente se tornou um fator decisivo na hora de ser convocado para a seleção brasileira. Isso se comprova ao se analisar qualquer lista de convocação dos últimos anos. Por exemplo, a convocação para o jogo contra o Peru dia 18 de Novembro de 2007 e contra o Uruguai dia 21 de Novembro de 2007.

Lista de convocação em 31 de Outubro de 2007

Atleta	Clube/País
Afonso	<i>Heerenveen</i> / Holanda
Alex	<i>Chelsea</i> / Inglaterra
Daniel Alves	<i>Sevilla</i> / Espanha
Diego	<i>Werder Bremen</i> / Alemanha
Doni	Roma / Itália
Elano	<i>Manchester City</i> / Inglaterra
Fernando	<i>Bordeaux</i> / França
Gilberto	<i>Hertha Berlin</i> / Alemanha
Gilberto Silva	<i>Arsenal</i> / Inglaterra
Josué	<i>Wolfsburg</i> / Alemanha
Juan	Roma / Itália

Julio Baptista	<i>Real Madrid / Espanha</i>
Julio César	<i>Internazionale / Itália</i>
Kaka	<i>Milan / Itália</i>
Kleber	<i>Santos / Brasil</i>
Lucio	<i>Bayern Munchen / Alemanha</i>
Maicon	<i>Internazionale / Itália</i>
Mineiro	<i>Hertha Berlin / Alemanha</i>
Naldo	<i>Werder Bremen / Alemanha</i>
Robinho	<i>Real Madrid / Espanha</i>
Ronaldinho	<i>Barcelona / Espanha</i>
Vagner Love	<i>CSKA / Rússia</i>

Quadro 3.1 – Lista de convocação em 31 de Outubro de 2007. (Fonte : Confederação Brasileira de Futebol)

Dos 22 jogadores convocados, apenas um deles atuava no futebol brasileiro: o lateral Kleber. Ou seja, apenas 5% dos convocados atuavam no Brasil quando a convocação em questão foi realizada. Baseado na convocação, o futebol alemão cedeu seis atletas (27%). Em termos de convocados, o Brasil aparece junto de Holanda e Rússia, país que possui tradição mínima no futebol desde que se desintegrou da extinta União Soviética.

Agora a convocação da seleção brasileira que conquistou o seu quarto título mundial em 1994, nos Estados Unidos:

Lista de convocação para a copa de 1994

Atleta	Clube/País
Aldair	Roma / Itália
Bebeto	<i>Deportivo La Coruña / Espanha</i>
Branco	Fluminense / Brasil
Cafu	São Paulo / Brasil
Dunga	<i>Stuttgart / Alemanha</i>
Gilmar	Flamengo / Brasil
Jorginho	<i>Bayern Munchen / Alemanha</i>
Leonardo	São Paulo / Brasil
Marcio Santos	Bordeaux / França
Mauro Silva	<i>Deportivo La Coruña / Espanha</i>
Mazinho	Palmeiras / Brasil
Muller	São Paulo / Brasil
Paulo Sergio	<i>Bayer Leverkusen / Alemanha</i>
Raí	PSG / França
Ricardo Rocha	Vasco da Gama / Brasil
Romário	Barcelona / Espanha
Ronaldão	<i>Shimizu / Japão</i>
Ronaldo	Cruzeiro / Brasil

Taffarel	<i>Reggina</i> / Itália
Viola	Corinthians / Brasil
Zetti	São Paulo / Brasil
Zinho	Palmeiras / Brasil

Quadro 3.2 – Lista de convocação para a Copa de 1994. (Fonte: Confederação Brasileira de Futebol)

Pode-se observar grandes diferenças entre as duas convocações. Enquanto em 2007 o Brasil cedia 5% dos jogadores, em 1994 essa taxa foi de 50%, ou seja, 11 jogadores, o equivalente a dez vezes mais. Os prestigiados campeonatos italiano e espanhol cederam apenas dois e três jogadores respectivamente. A situação é ainda mais intrigante ao se analisar a seleção que conquistou o terceiro título mundial, a de 1970:

Lista de convocados para a copa de 1970

Atleta	Clube/País
Ado	Corinthians / Brasil
Baldocchi	Palmeiras / Brasil
Brito	Flamengo / Brasil
Carlos Alberto	Santos / Brasil
Clodoaldo	Santos / Brasil
Dario	Atlético Mineiro / Brasil
Edu	Santos / Brasil
Everaldo	Grêmio / Brasil
Felix	Fluminense / Brasil
Fontana	Cruzeiro / Brasil
Gerson	São Paulo / Brasil
Jairzinho	Botafogo / Brasil
Joel	Santos / Brasil
Leão	Palmeiras / Brasil
Marco Antonio	Fluminense / Brasil
Paulo César	Botafogo / Brasil
Pele	Santos / Brasil
Piazza	Cruzeiro / Brasil
Rivellino	Corinthians / Brasil
Roberto	Botafogo / Brasil
Tostão	Cruzeiro / Brasil
Zé Maria	Portuguesa / Brasil

Quadro 3.3 – Lista de convocação para a Copa de 1970. (Fonte: Confederação Brasileira de Futebol)

Absolutamente todos os convocados (100%) atuavam no futebol brasileiro durante a Copa do Mundo de 1970.

Em um intervalo de 24 anos, os clubes brasileiros perderam metade dos seus convocados, saindo de 100% para 50%. Treze anos depois esse percentual

despencou novamente de 50% para 5%. É razoável supor que em um futuro não muito distante não haja mais nenhum jogador convocado que atue no Brasil.

Paulo Vinícius Coelho comenta o fato: “ Até 1978, a Seleção jamais havia entrado em campo, numa Copa do Mundo, com um jogador que atuasse no exterior. Em 1982, o time titular tinha um: Paulo Roberto Falcão, da *Roma*. Em 1986, dos titulares, dois jogavam na Itália: Edinho, da *Udinese*; Júnior, do *Torino*. A debandada de 1988 mudou o quadro. Quando estreou na Copa do Mundo da Itália, em 1990, a Seleção de Sebastião Lazaroni estava escalada com nove estrangeiros. (...) Nove jogadores de sete clubes diferentes em quatro países da Europa. ”⁹

Assim foi a evolução dos jogadores convocados que, durante as últimas sete Copas do Mundo, atuavam no Brasil e no exterior, segundo dados extraídos do jornal esportivo “Lance!”:

Evolução dos convocados que atuavam no futebol brasileiro e no exterior ao longo das últimas sete copas do mundo

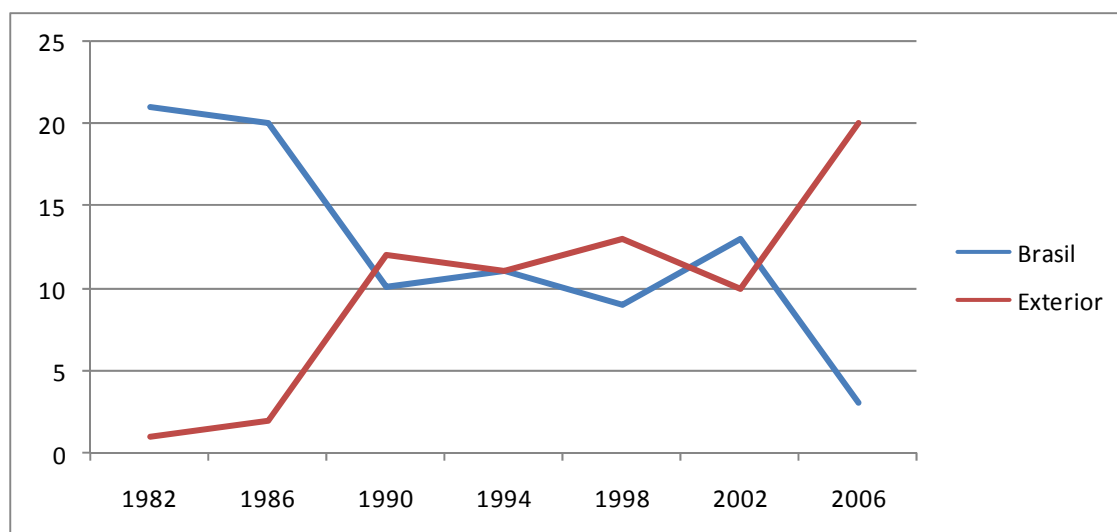


Gráfico 3.4 – Evolução dos convocados que atuavam no futebol brasileiro e no exterior ao longo das últimas sete copas do mundo. (Fonte: jornal esportivo “Lance! “. 16/01/09. Nº4077. Páginas 18 e 19.)

Depreende-se do gráfico que durante a década de 1980 a supremacia dos convocados brasileiros era muito superior ao de estrangeiros. Já na década de 1990 o quadro se equilibrou, havendo uma homogeneidade entre ambos, incluindo

⁹ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. Página 120.

2002. Mas em 2006 houve uma inversão do quadro, onde a quantidade de “estrangeiros” foi colossal: 20 para 3.

Essa mudança ocorreu durante a chamada “Era Ricardo Teixeira”, quando esse assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Futebol, em 1989. A partir de então houve essa alteração drástica nas convocações. Conclui-se então que atuar em um clube fora do Brasil, preferencialmente um europeu, é fundamental, atualmente, para ser convocado para a seleção brasileira. Tem-se, portanto, um fator motivacional para que os atletas brasileiros deixem o país.

Mas não são apenas as convocações para a seleção que motivam os jogadores. Outros aspectos também estão envolvidos. COELHO (2009) comenta outros presentes: “ Por que, então, houve a debandada? Por que os clubes, em crise, já não conseguiam sequer bancar 60% do salário que tentavam pagar nos tempos em que Falcão foi para a Roma, em 1980. E por que o mercado estava mais amplo. Na Itália e na Espanha, a liberação para o terceiro estrangeiro, em 1988, provocou a busca por jogadores brasileiros e argentinos. Em Portugal, havia o elemento extra da dupla cidadania. O ciclo vicioso brasileiro era tenebroso. Os craques iam embora, os estádios se esvaziavam, os clubes não tinham dinheiro e não conseguiam competir com as moedas européias. Na outra ponta, havia cada vez mais dinheiro para contratar craques, que enchiam estádios e produziam mais condições de comprar jogadores na América do Sul.”¹⁰

Mas por que os clubes brasileiros não tinham capital para fazer frente aos europeus?

2.2. Retrato financeiro dos clubes brasileiros

Um dos motivos mais relevantes para a enorme venda recente de jogadores, se não o principal deles, é a desastrosa situação financeira dos clubes brasileiros. Afundados em dívidas, uma forma de se conseguir receita é vender seus principais jogadores para “fechar a conta”. Ao vender seus mais rentáveis jogadores, logicamente os melhores, o clube se enfraquece e torna suas partidas menos interessantes e atrativas.

¹⁰ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. Páginas 120 e 121.

Esses são os clubes mais endividados do Brasil ao final do ano de 2007, de acordo com o sítio Terra:

Maiores dívidas dos clubes brasileiros

Clube	Dívida
Flamengo/RJ	R\$ 180 milhões
Botafogo/RJ	R\$ 160 milhões
Fluminense/RJ	R\$ 155 milhões
Portuguesa/SP	R\$ 145 milhões
Atlético/MG	R\$ 112 milhões
Grêmio/RS	R\$ 80 milhões
Vasco/RJ	R\$ 70 milhões
Santos/SP	R\$ 62 milhões
São Paulo/SP	R\$ 43,2 milhões
Cruzeiro/MG	R\$ 32 milhões
Corinthians/SP	R\$ 30 milhões
Bahia/BA	R\$ 30 milhões
Palmeiras/SP	R\$ 27 milhões
Coritiba/PR	R\$ 20 milhões
Figueirense/SC	R\$ 6 milhões

Quadro 3.5 – Maiores Dívidas dos clubes brasileiros. (Fonte: Sítio Terra)

Mas de onde vieram essas dívidas? Especialistas no assunto, como Rodrigo Caetano, diretor de futebol do Vasco e Alexandre Kalil, presidente do Atlético-MG apontam, em entrevista ao sítio Terra, como culpados as gestões passadas amadoras e ineficientes, falta de vontade política dos dirigentes, negócios mal-feitos, jogadores com salários fora da realidade.

Com a chegada da Copa do Mundo de 2014, a ser disputada no Brasil, as dívidas de alguns importantes clubes brasileiros devem aumentar. A participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) será fundamental para obras de infra-estrutura, totalizando como montante previsto de R\$ 4,8 bilhões. Entre as sedes escolhidas, existem três estádios particulares (Morumbi em São Paulo, Beira Rio em Porto Alegre e Arena da Baixada em Curitiba), portanto seus respectivos donos (São Paulo F.C., Internacional e Atlético/PR) deverão arcar com os empréstimos. Em nota publicada no sítio da Editora Abril, o presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, confirmou que o projeto será 100% financiado pelo BNDES, com taxa de juros de 8% ao ano e três anos de carência para pagar.

Outro fator determinante para a má administração financeira dos clubes é que eles têm como principal objetivo ganhar títulos, portanto o aspecto financeiro não é prioritário. Porém, atualmente, o futebol está inserido em um mundo capitalista, portanto não é mais possível se administrar um clube de futebol diferentemente de como se administra uma empresa.

Uma situação que ilustra atualmente a má gestão dos clubes é a do Fluminense/RJ, que, em 2007, teve déficit de R\$139 milhões e dívidas avaliadas em 90% do seu patrimônio. E mesmo assim, no início de 2009, com auxílio de patrocinadores, o clube continuou contratando jogadores de renome, como Fred e Thiago Neves que, juntos, recebiam R\$ 600 mil mensais. Salários fora da realidade do atual momento do futebol brasileiro.

Para tentar sanar essas dívidas e gerir as finanças, os clubes brasileiros possuem as seguintes fontes de receitas:

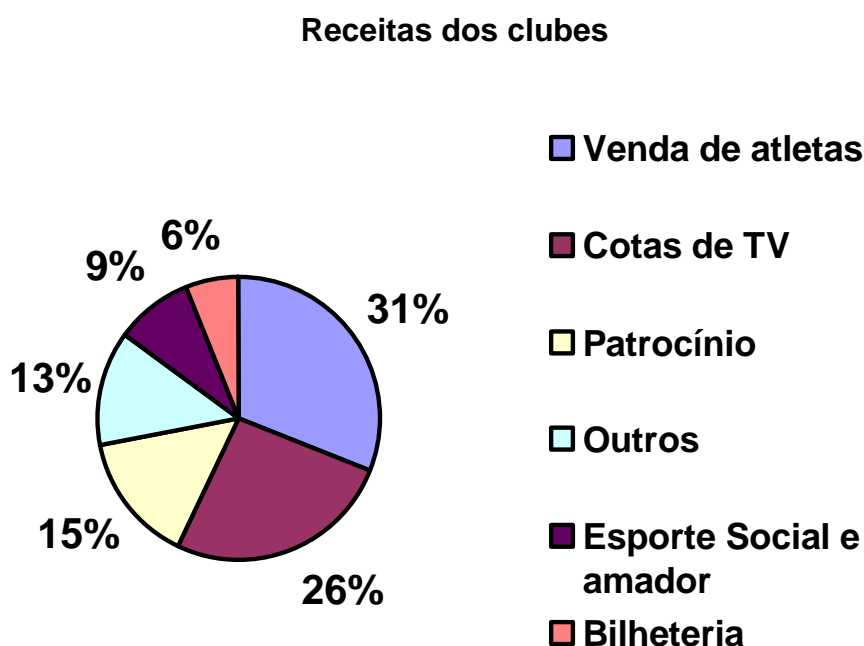


Gráfico 3.6 – Receitas dos clubes. (Fonte: relatório da Casual Auditores de Agosto de 2006)

Depreende-se pela análise do gráfico, que objeto de estudo dessa tese, a venda de jogadores, representa a principal fonte de receita dos clubes brasileiros. Não é uma receita muito segura, pois não é sempre que há oferta de jogadores ou

clubes interessados em adquiri-los. O gráfico também evidencia que os clubes são reféns dos contratos relativos à transmissão dos jogos pela televisão. Juntos, a venda de jogadores e as cotas da televisão equivalem a mais da metade da renda dos clubes (57%). A bilheteria equivale a apenas 9% da arrecadação dos clubes. Na Europa, a presença de torcedores na arquibancada é um importante gerador de receita aos clubes, conforme será visto no capítulo quatro. Esses dois elementos, as cotas de televisão e venda de jogadores, individualmente:

Maiores receitas geradas por cotas de televisão, em milhões de reais:

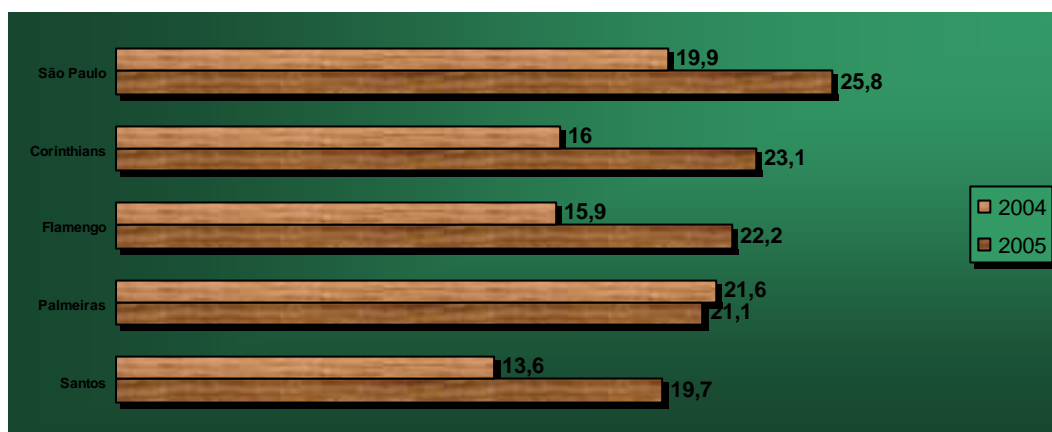


Gráfico 3.7 – Maiores receitas geradas por cotas de televisão. (Fonte: Relatório da Casual Auditores de Agosto de 2006)

Os principais clubes do país são aqueles que mais recebem recursos provenientes da televisão, pois são aqueles que também possuem o maior número de torcedores. Percebe-se também os aumentos dessa cota, evidenciando o aumento da dependência dos clubes por essa renda.

Maiores receitas com vendas de jogadores, em milhões de reais:

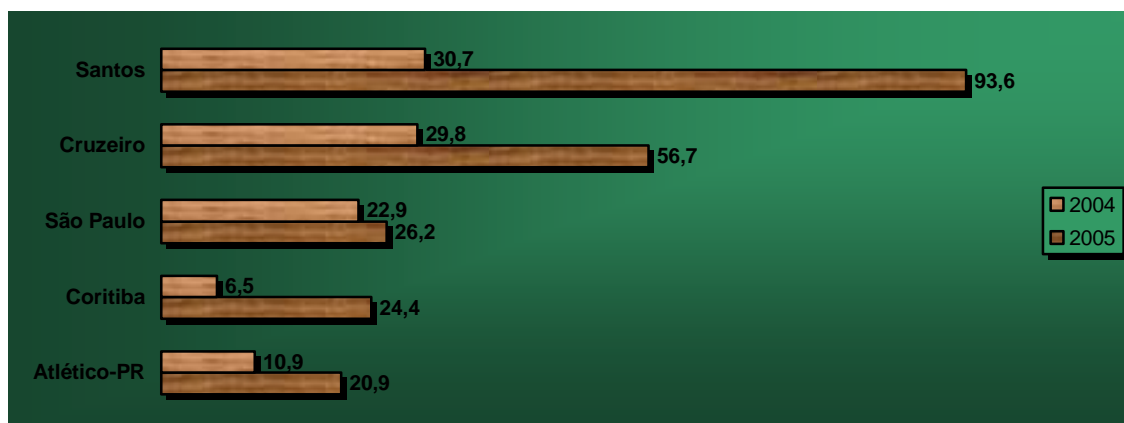


Gráfico 3.8 – Maiores receitas com vendas de jogadores. (Fonte: Relatório da Casual Auditores de Agosto de 2006)

O Santos/SP liderou a lista do período devido, principalmente, à venda de Robinho ao *Real Madrid*/Espanha, por 30 milhões de dólares, maior transação já realizada por um clube brasileiro. O Cruzeiro/MG, vencedor do campeonato brasileiro de 2003, aparece em segundo, por ter se desfeito de vários jogadores de seu time nos meses subseqüentes.

Dentre os crescimentos de receita, confere-se no gráfico abaixo que a venda de jogadores apresentou um crescimento de 31% entre os anos de 2004 e 2005, representando a segunda maior evolução.

Evolução percentual por tipo de receita entre os anos de 2004 e 2005:

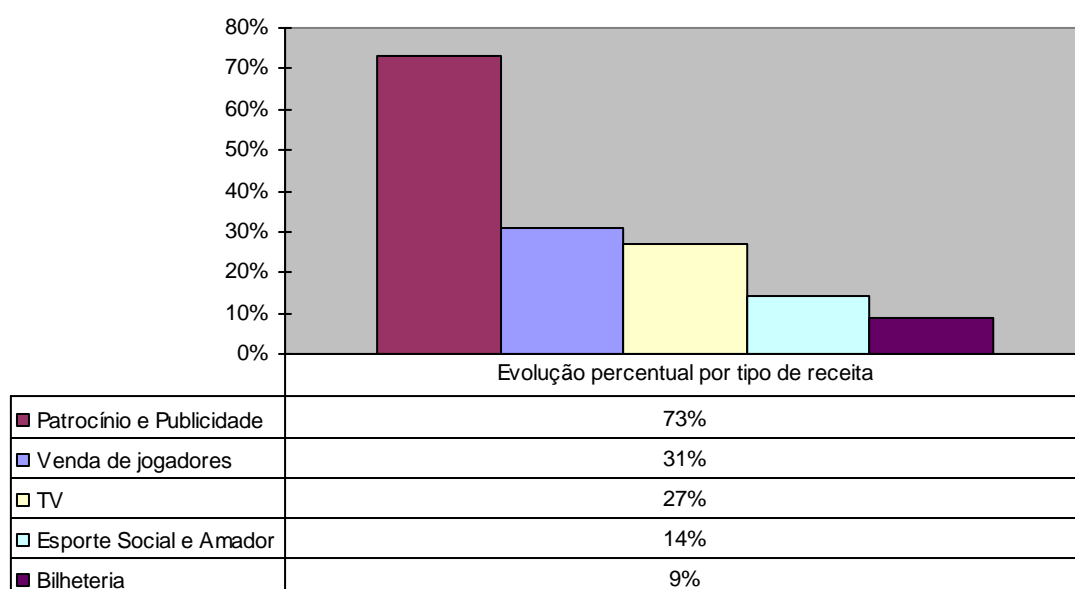


Gráfico 3.9 – Evolução percentual por tipo de receita entre os anos de 2004 e 2005. (Fonte: Relatório da Casual Auditores de Agosto de 2006)

Porém, em 2009, as negociações de atletas e os patrocínios estão seriamente ameaçados, devido à crise do *subprime*, tema que será tratado no último capítulo.

Dentre os principais clubes de São Paulo (Corinthians, Palmeiras e São Paulo) apenas o Palmeiras, no ano de 2009, conseguiu fechar um contrato mais lucrativo que o de 2008. O patrocinador é a *Samsung*, com R\$15 milhões anuais, 50% a mais do que recebia da *Fiat* em 2008. Já o São Paulo conseguiu apenas renovar seu acordo com a LG pelos mesmos valores que o clube recebia em 2008.

Há ainda clubes que participam da primeira divisão que, até fevereiro de 2009, não haviam definido patrocinador na camisa: Atlético-MG, Cruzeiro/MG, Atlético/PR. Em 2008, apenas o Coritiba/PR não tinha marca estampada. Uma tradicional fonte de receita que não vem sendo aproveitada.

As transferências de jogadores também estão sendo afetadas em 2009. Esse ano está sendo aquele onde tem saído o menor número de jogadores durante a última década, pois os países que mais foram afetados pela crise, são justamente aqueles que mais costumam contratar jogadores brasileiros, principalmente nações européias. Os principais clubes ingleses, italianos, espanhóis e alemães têm realizado redução de suas folhas salariais e de seus elencos.

Entre as negociações feitas em 2009, as únicas vendas significativas realizadas na “janela” dezembro de 2008/Janeiro de 2009 foram as de Alex, do Internacional/RS ao *Spartak* de Moscou (Rússia) por R\$ 15 milhões, e Guilherme, do Cruzeiro ao Dínamo de *Kiev* (Ucrânia) por R\$ 21 milhões. Já no meio do ano, saíram Keirrison, do Palmeiras/SP ao Barcelona (Espanha) por 14 milhões de euros; Nilmar do Internacional/RS ao Villareal (Espanha) e Ramirez do Cruzeiro/MG ao Benfica (Portugal) por R\$ 21 milhões.

Se por um lado diminuiu a saída de jogadores do futebol brasileiro em 2009, por outro, os clubes deverão ter seus problemas financeiros agravados. Parte do capital ganho pelas vendas de jogadores é também utilizado para repatriar outros, principalmente aqueles com idade mais avançada e vida financeira já consolidada. Como o fluxo de capital deve diminuir, os clubes brasileiros terão maiores dificuldades para oferecer salários minimamente atrativos para esses jogadores repatriados.

Portanto, restará aos clubes diversificarem as fontes de renda e serem criativos para aprenderem a gerir melhor suas finanças. E isso já vem sendo feito por alguns clubes, como tem feito, por exemplo, o São Paulo/SP.

O clube deve arrecadar aproximadamente R\$20 milhões com a cessão de espaços do Morumbi para cinco parceiros diferentes, dos quais R\$ 12 milhões serão líquidos para os cofres. Uma idéia inovadora que pode ser adotada por outros clubes.

De acordo com um estudo de Amir Sommogi, da Casual Auditores, responsável por estudos sobre a gestão do futebol brasileiro, os 20 clubes da Série

A poderiam gerar, entre 2009 e 2013, cerca de R\$ 1 bilhão em novas receitas. Seria possível arrecadar R\$ 360 milhões em explorações da marca, R\$ 280 milhões em projetos de mídia e R\$ 320 milhões em maximização dos estádios.

Uma saída poderia ser utilizar idéias que já vem sendo vistas na Europa há muitos anos. Será abordado no capítulo seguinte (quatro) algumas características da gestão dos clubes europeus. Não é apenas a estrutura e o poder financeiro dos clubes europeus que atraem os jogadores brasileiros. A oportunidade de morar na Europa ou algum outro centro desenvolvido do mundo é tentador para indivíduos que são majoritariamente oriundos das classes baixas brasileiras. É uma grande oportunidade de ascensão financeira e progresso na carreira. Além de saberem que a carreira de jogador de futebol é relativamente curta, já estando no final em meados de seus 30 anos.

Usando as palavras do ex-jogador e atual comentarista da TV Globo, Paulo Roberto Falcão: “ Para ser bem sucedido no exterior, especialmente em centros importantes como a Itália, a Espanha ou a Inglaterra, não basta jogar bem. Não basta, também, ser apenas um atleta cumpridor de suas obrigações profissionais. Esses valores são importantes. Mas é essencial que o contratado procure se integrar à cultura do país, aprenda o idioma local, respeite os hábitos e costumes da terra e, especialmente, não fique saudosos demais do Brasil. “¹¹

Essa adaptação é difícil, pois há que se acostumar com novas dinâmicas de vida, comida, hábitos, comportamento, clima, entre outros aspectos relevantes. Há que se adaptar costumes que já estão enraizados desde a juventude.

2.3. Os aspectos sociais

Desde a infância, o futebol é uma das maiores fontes de entretenimento que as crianças possuem. Alguns entram na escolinha com até menos que 10 anos de idade. Algumas vezes com 15 anos ou menos muitos decidem seguir essa carreira profissional. Falamos principalmente de jovens de classe baixa. Ser jogador de futebol profissional é o sonho de infância de um grande número de jovens

¹¹ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

brasileiros de baixa renda, tendo em vista que esses não possuem muitas outras oportunidades de ascensão social na vida. Já um jovem de classe A ou B geralmente sonha em ser engenheiro, médico, advogado ou piloto de avião.

Usando as palavras de ZAGURY (1999): " As gerações de três décadas (atrás) tinham como principais sonhos a independência e a auto-suficiência. Estes dois motivos levavam os jovens a cedo saírem de casa, mesmo ainda não profissionalizados. Ter o seu cantinho, não depender dos pais, era uma questão de honra. Assim, nas décadas de 60/70 era comum os adolescentes e jovens dividirem um mesmo apartamento, morando vários num quarto-e-sala ou em comunidades. No Rio de Janeiro, Santa Teresa, por exemplo, foi um bairro que abrigou muitos e muitos desses jovens, que lutavam para ter a sua vida. (...) O jovem da década de 90 (especialmente das classes A, B e C) pode ficar tranquilamente sob o mesmo teto que sua família até 20, 25, 27 anos, sem pressa de alcançar a independência financeira, afetiva ou profissional. Esse tipo de comportamento provavelmente está ligado ao fato de que as novas gerações já usufruem das conquistas pelas quais seus pais tiveram que lutar. Assim, eles não sentem mais aquela urgência de partir. (...)¹²

Sendo assim, conclui-se que a maioria absoluta dos jogadores de futebol é proveniente de classes sociais pouco favorecidas. São raras as exceções a esse estereótipo. Tais como: Zico, ex-técnico do *Kashima Antlers* (Japão), seleção japonesa, *Fenerbahçe* (Turquia) e atualmente (fevereiro de 2009) no *Bunyodkor* (Uzbequistão); Leonardo, desde 2003 é dirigente do *Milan* (Itália); Caio Ribeiro, atualmente comentarista do canal esportivo Sportv.

Os bairros/favelas onde esses jovens brasileiros moram não têm muitas opções de lazer como nos bairros mais abastados. Esses indivíduos não têm acesso á cultura, ao cinema, teatro, museus como um jovem de classes A e B possui. Os locais onde esses moram são repletos de igrejas e..."campos" de futebol. É muito fácil jogar futebol. E não embute custo financeiro algum. Não é necessário campo ou nem mesmo uma bola para a prática do esporte. Basta improvisar uma latinha de refrigerante vazia e chinelos velhos para poder jogar. Mas mesmo assim, podemos encontrar campos, quadras e outros locais para se jogar futebol em qualquer metrópole, cidade, aldeia ou vilarejo do Brasil. Vale ressaltar

¹² ZAGURY, Tania. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Página 69.

também o papel do Estado incentivando nossos jovens á pratica de esportes (não apenas futebol) visando à inclusão social. Uma pessoa que depende de altos rendimentos físicos não pode e nem deve fazer uso de cigarros, bebidas alcoólicas ou outras drogas.

Outro fator preponderante nessa escolha profissional certamente é a motivação. É comum toda a família de um jovem de classe baixa depender financeiramente do seu sucesso profissional. Muitos, antes de completar vinte anos já são responsáveis também por sustento de esposa e filhos. Portanto, se o indivíduo em questão não tiver êxito profissional, e conseqüentemente financeiro em sua carreira futebolística, sua mãe, pai, irmãos, filhos, esposa poderão passar necessidades. Somando esse aspecto ao fato de haver poucas opções de lazer disponíveis a esse jovem, ele passará grande parte do seu dia jogando futebol. Já as famílias de um jovem de classe A e B possuem recursos financeiros para investir em sua educação e formação profissional. Ele tem a opção de ir a cinemas, restaurantes e viagens com seus colegas. São poucos os jovens entre 14 e 18 anos que deixariam de lado uma viagem de fim de ano com a família ou amigos para se dedicar a sua profissionalização como um jogador de futebol. Portanto, um jovem de classe baixa tem motivações de sobra para se dedicar arduamente ao futebol. Já um jovem de classe média e alta terá esse obstáculo adicional a ser superado.

Nascer, viver e crescer fazendo parte das camadas mais pobres da população aumenta o contato dos jovens com outros problemas sociais, tais como drogas, falta de educação e cultura, saneamento básico e principalmente segurança. Os principais clubes do Brasil são sediados nas maiores cidades do país, tais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. São cidades também tidas como as mais violentas do Brasil, portanto a violência urbana está presente na vida dos atletas, assim como pode estar presente na vida de qualquer outro cidadão.

De acordo com nota publicada no sítio da Rede Globo, 43% dos brasileiros afirmam que sua maior preocupação é a violência e o crime. Em algumas de suas cidades, como o Rio de Janeiro, há maior índice de assassinatos do que em guerras. Homicídios, seqüestros, furtos de veículos, violência contra mulheres e crianças fazem parte do cotidiano das grandes metrópoles brasileiras. Os motivos são os de sempre: miséria, pobreza, concentração de renda, vingança, motivos fúteis e banais, desemprego. Mas esse quadro é ainda mais preocupante nas grandes metrópoles brasileiras. Metrópoles essas, que concentram os maiores

clubes do Brasil, tais como Corinthians, São Paulo F.C. e Palmeiras em São Paulo. Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense no Rio de Janeiro. Cruzeiro e Atlético em Belo Horizonte. Internacional e Grêmio em Porto Alegre.

Sendo assim, os principais jogadores do país vivem nas principais metrópoles, sendo, como quaisquer outros cidadãos, vítimas dessa violência. Podem até mesmo se tornarem alvos preferenciais, já que aparecem com frequência na mídia, tem origens humildes e são nacionalmente conhecidos por possuírem altos salários. Um crime em particular influencia essa idéia: o seqüestro. Um caso de seqüestro que chamou em particular a atenção da sociedade brasileira foi o seqüestro da mãe do jogador Robinho, em 2004.

Portanto, a violência urbana é mais um forte fator que influencia os jogadores a deixarem o país. Esse não é um problema futebolístico, mas sim da sociedade brasileira como um todo. Sendo assim, os atentados às suas vidas e de seus familiares apresentam um forte fator para motivar jogadores (e outros cidadãos brasileiros) a deixarem o país, em busca de morar em locais que possuam “níveis mais civilizados de violência”, principalmente à Europa e Sudeste asiático.

Mas a segurança física não é o único aspecto motivacional para a saída dos atletas brasileiros rumo à Europa. Também não é apenas a maior disponibilidade financeira possuída pelos clubes europeus na hora de contratar os jogadores. Todos esses fatores somados configuram o problema. Porém, apesar de que o número de jogadores exportados ter aumentado ao longo dos anos, outro número que também aumentou foi o número de jogadores que retornam ao Brasil.

2.4. O retorno dos jogadores

A crise financeira pela qual o mundo está passando, assunto que será melhor abordado no próximo capítulo, apesar de ser economicamente ruim para os clubes brasileiros, está os beneficiando do ponto de vista de ter diminuído a saída de jogadores do país. Ela ocasionou uma minimização parcial desse problema, como tem demonstrado o significativo aumento do número de jogadores que retornaram ao futebol brasileiro durante o ano de 2008.

Esses são os países que mais receberam atletas brasileiros em 2008, segundo dados do jornal Correio Braziliense:

- 1- Portugal: 209 atletas
- 2- Alemanha: 58 atletas
- 3- Itália: 53 atletas
- 4- Suécia: 46 atletas
- 5- Espanha: 34 atletas

E os países que mais retornaram atletas no ano de 2008:

- 1- Portugal: 116 atletas
- 2- Japão: 38
- 3- Alemanha: 27
- 4- Suíça: 22
- 5- Espanha: 21

Evolução do número de jogadores retornados ao Brasil entre 2005 e 2008

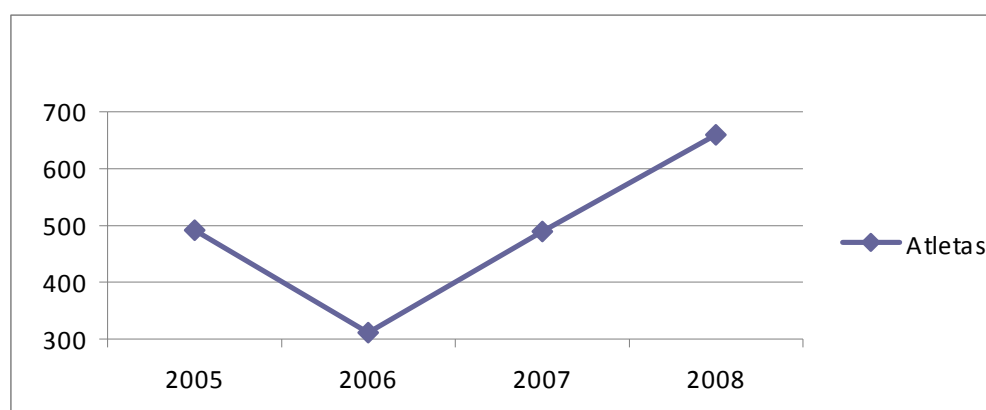


Gráfico 3.10 – Evolução do número de jogadores retornados ao Brasil entre 2005 e 2008. (Fonte: Correio Braziliense, 1º de fevereiro de 2008, páginas 38 e 39)

Temos, portanto, que apesar de todos os malefícios causados pela crise, entre falências, desemprego, quedas em bolsas de valores e retração econômica, a crise pode ter um lado bom para a saída dos jogadores do futebol brasileiro. Já que os clubes europeus, principais importadores de atletas brasileiros ficaram com menor disponibilidade financeira, devido à crise, está sendo menor sua saída durante os anos de 2008 e 2009. Apesar de que a venda dos atletas representa fluxo financeiro para os clubes brasileiros. Além disso, muitos jogadores de renome, que atuavam na Europa, têm sido repatriados por clubes brasileiros. Fato que não vinha ocorrendo nos últimos anos. Temos como exemplos Ronaldo (Corinthians/SP), Vagner Love (Palmeiras/SP), Adriano (Flamengo/RJ) e Fred (Fluminense/RJ).

Usando novamente as palavras de Paulo Vinícius Coelho: “ Nos anos 1980, craques brasileiros viajavam para a Europa porque os principais países daquele

continente reabriram seus mercados após décadas sem permitir a contratação de jogadores estrangeiros. (...) Desde a década de 1990, a intenção é jogar onde se paga mais e se tem mais visibilidade. O melhor do mundo não foi eleito nenhuma vez atuando num clube sul-americano, africano ou asiático. Para ter o talento reconhecido é necessário jogar na Europa.”¹³

¹³ COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. Página 12

Capítulo 3. A conjuntura atual do futebol

Nesse último capítulo será visto a boa qualidade do futebol europeu frente ao brasileiro, como a atual crise afetou o primeiro e principalmente a suas conseqüências para o futebol brasileiro e a saída dos jogadores. Será utilizado como estudo de caso o futebol inglês, por ser aquele que tem tido o maior sucesso econômico nos últimos anos. Assim como o momento único pelo qual o Brasil vai passar em breve: sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

3.1. A viabilidade econômica do futebol europeu

Em países como Inglaterra, Alemanha ou Itália, ir a um jogo de futebol não significa apenas prestigiar a partida. No estádio existem várias opções de restaurantes, lojas e *shoppings*, onde são vendidos os mais diversos artigos do clube: camisas, bandeiras, canecas, casacos. Há ainda os museus dos clubes, onde são contadas suas histórias e lembradas partidas importantes, além de eternizar jogadores.

Mas uma das melhores formas presentes no modelo europeu é a venda de ingressos antecipados. O torcedor pode comprar, por antecipação e por preços mais baratos, ingressos para todos os jogos de seu clube na temporada. Assim, ambos são contemplados. O torcedor adquire seu ingresso por um preço menor e o clube conta com uma receita antecipada, podendo gerir melhor suas finanças por já ter uma previsão segura sobre o capital que irá dispor. Mas para que esse sistema funcione, é fundamental que o calendário dos clubes seja divulgado com razoável antecipação. O ingresso antecipado vem com o nome do torcedor assim como o número de sua cadeira. Poucos clubes brasileiros adotam política semelhante atualmente. Entre eles, podemos citar o Figueirense/SC.

Dentre os modelos de gestão presentes nos países europeus, o que melhor se aproxima da realidade brasileira são o dos clubes espanhóis, onde os mesmos não possuem empresários como donos e também não são geridos como empresas, ao contrário do que ocorre na Inglaterra e na Itália.

A Espanha, tal como o Brasil, é bastante dividida entre rivalidades históricas regionais. Durante a formação espanhola como um Estado Nacional ocorreram muitos movimentos separatistas (alguns perduram até hoje) e se trata de um país com muitas “comunidades autônomas”, tais como a Catalunha e a Andaluzia.

Essas diferenças regionais são claramente traduzidas em seus clubes. O melhor exemplo é o Barcelona, onde o orgulho catalão está estampado no clube. Já na capital Madri, onde existem dois grandes clubes, pode-se perceber que o Real é o representante da elite, enquanto o Atlético se identifica com os trabalhadores.

Tais associações retratam como o futebol é um reflexo da sociedade de um país, e os clubes brasileiros poderiam usar isso a seu favor. Os clubes espanhóis usam esse aspecto em seu benefício e faturam anualmente milhões de euros com vendas de produtos licenciados como camisas, bandeiras e carnês antecipados. Enquanto isso, os torcedores brasileiros convivem com produtos piratas e cambistas, ambas as práticas reconhecidas como ilegais, além de piorar a imagem do futebol brasileiro como um todo.

A possibilidade de importar algumas idéias do bem sucedido futebol europeu não quer dizer que o Brasil não possa criar seus próprios caminhos em busca de um modelo de gestão que seja viável, eficiente e lucrativo. O ano de 2002 foi um ano atípico no futebol brasileiro. Ao invés dos grandes clubes brasileiros participarem de seus respectivos campeonatos regionais, ocorreram campeonatos regionais, tais como o Rio - São Paulo, Campeonato do Nordeste e Copa Sul – Minas. O campeonato do Nordeste em particular foi um sucesso. O público interessado foi muito maior do que o ocorria nos campeonatos estaduais e o campeonato regional teve êxito.

Porém no ano seguinte, 2003, os campeonatos regionais foram extintos e os estaduais retornaram. Essa seria uma boa forma de como as diferenças regionais do Brasil poderiam ser bem exploradas, mas infelizmente, o projeto não teve continuidade.

Além disso, os campeonatos existentes no Brasil são mais numerosos, tendo os estaduais, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro (contando apenas os nacionais) e são comuns às alterações de regulamentos e inclusão ou exclusão de outros campeonatos. Já na Europa, são disputados apenas os campeonatos nacionais, como os principais, e a Copa nacional, como secundário. (novamente apenas em âmbito nacional)

Mas não é apenas no campo financeiro e na organização e gestão que os clubes europeus apresentam superioridade frente aos brasileiros. A estrutura dos clubes também é outro forte fator que motiva os jogadores brasileiros e atuar na Europa.

“A grama, impecável, é cortada a cada dois dias. Mas os jogadores treinam em outro campo. Ninguém pode pôr os pés ali quando não é dia de jogo oficial, fora o zelador. O estádio tem cadeiras para todos os espectadores, vestiários confortáveis, banheiras de hidromassagem e sala de fisioterapia para os jogadores. Você pode comprar seu ingresso pela internet e recebê-lo pelo correio, com lugar marcado e seu nome impresso. Há uma linha especial de ônibus para levar os torcedores, saindo da estação de trem da cidade. No dia do jogo, o clube põe à venda um programa com as escalações, entrevistas, informações detalhadas sobre o time adversário: história, estatísticas e análise de cada um dos jogadores. Não estamos falando de um grande time europeu. Mas do pequeno *Oxford United*, que disputa a *Blue Square Premier*. Traduzindo: a 5ª divisão da Inglaterra.”¹⁴

Esse relato auxilia a compreensão de por que atletas brasileiros preferem atuar na Europa. Aqueles que acompanham o cenário futebolístico brasileiro estão acostumados com salários atrasados, estádios desconfortáveis, atrasos, filas, violência dentro e fora dos estádios, banheiros sujos, má qualidade do espetáculo, engarrafamentos, entre outros desrespeitos ao torcedor.

Alguns outros dados, extraídos da Revista “Superinteressante”, ajudam a compreender porque o futebol inglês é tão bem sucedido: a ilha britânica possui em torno de 40 mil clubes de futebol, enquanto o Brasil possui 13 500 mil. Isso é ainda mais relevante quando se compara a população dos dois países. (Enquanto o Brasil possui em torno de 190 milhões de habitantes em 2009, os ingleses são menos que um terço disso). A segunda divisão inglesa possui público 50% superior a nossa primeira divisão. Enquanto os estádios da primeira divisão possuem taxa de ocupação de 93%. Os grandes jornais ingleses publicam em suas páginas até mesmo os resultados das partidas da sétima divisão. Enquanto o nosso campeonato brasileiro possui apenas três divisões. (a quarta será disputada a partir de 2009)

Durante a última década, os maiores clubes ingleses foram comprados por milionários. O caso mais notório é a compra do *Chelsea* pelo magnata russo Roman Abramovich. Dentre os quatro grandes clubes ingleses, apenas o Arsenal não foi vendido a um empresário estrangeiro. Liverpool e Manchester também

¹⁴ Revista Superinteressante. Edição 256 Setembro de 2008. Páginas 31 e 32.

foram adquiridos por magnatas. A atuação desses bilionários transformou os principais clubes ingleses em potências financeiras.

Por exemplo, o caso do *Manchester United*. No ano de 1990, sua receita era de “apenas” R\$ 58 milhões, mas em 2007 deu um salto para estratosféricos R\$ 786 milhões, valor equivalente a mais do que os 10 maiores clubes do Brasil somados, que teriam R\$ 690 milhões no mesmo ano. Devido a grandes aumentos de receita pelos clubes ingleses, hoje três dos cinco times que mais faturam no mundo são da Inglaterra, e a previsão é que, em 2009, eles sejam 10 entre os 20 mais ricos. Seguem as vinte maiores receitas, em âmbito mundial, na temporada 2006-2007 (em milhões de reais):¹⁵

Maiores receitas mundiais

Clube (País)	Receita
Real Madrid (Espanha)	R\$ 876 milhões
Manchester United (Inglaterra)	R\$ 786 milhões
Barcelona (Espanha)	R\$ 724 milhões
Chelsea (Inglaterra)	R\$ 705 milhões
Arsenal (Inglaterra)	R\$ 659 milhões
Milan (Itália)	R\$ 566 milhões
Bayern München (Alemanha)	R\$ 556 milhões
Liverpool (Inglaterra)	R\$ 496 milhões
Internazionale (Itália)	R\$ 487 milhões
Roma (Itália)	R\$ 393 milhões
Tottenham (Inglaterra)	R\$ 382 milhões
Juventus (Itália)	R\$ 362 milhões
Lyon (França)	R\$ 349 milhões
Newcastle (Inglaterra)	R\$ 322 milhões
Hamburgo (Alemanha)	R\$ 300 milhões
Schalke 04 (Alemanha)	R\$ 285 milhões
Celtic (Escócia)	R\$ 279 milhões
Valência (Espanha)	R\$ 266 milhões
Olympique (França)	R\$ 247 milhões
Werder Bremen (Alemanha)	R\$ 243 milhões

Quadro 4.1 – Maiores receitas mundiais. (Fonte: Revista Superinteressante, Setembro de 2008, páginas 31 e 32.)

Agora as médias de público, da maior para a menor, entre os campeonatos inglês, alemão, espanhol, italiano (por serem os mais importantes da Europa) e brasileiro dentre suas duas principais divisões na temporada 2005-2006.¹⁶

¹⁵ Revista Superinteressante. Edição 256 Setembro de 2008. Páginas 31 e 32.

¹⁶ No caso brasileiro vale o campeonato de 2006, devido à diferença entre regulamentos.

Maiores médias de público

Campeonato	Público
Primeira divisão alemã	39.109 espectadores
Primeira divisão inglesa	34.363 espectadores
Primeira divisão espanhola	31.126 espectadores
Primeira divisão italiana	22.097 espectadores
Segunda divisão inglesa	18.221 espectadores
Segunda divisão alemã	17.950 espectadores
Primeira divisão brasileira	12.401 espectadores
Segunda divisão espanhola	8.341 espectadores
Segunda divisão brasileira	7.950 espectadores
Segunda divisão italiana	5.038 espectadores

Quadro 4.2 – Maiores médias de público. (Fonte: Revista Superinteressante, Setembro de 2008, páginas 31 e 32.)

Nota-se que além de muito bem sucedido financeiramente, o futebol inglês também atrai muito público aos seus estádios, demonstrando o sucesso que ele tem alcançado. Por outro lado, a ruína financeira pela qual passam os clubes brasileiros também é refletida em seu público: em torno de 12 mil espectadores, equivalente a quase um terço do público presente nos estádios britânicos.

Porém, o modelo de compra de clubes ingleses, resultando em grandes injeções de capital teve um sério abalo no ano de 2008: a crise do *subprime*. Além de prejudicar bancos, instituições financeiras e a população em geral, essa crise também afetou o futebol, principalmente aqueles clubes que estavam acostumado com o farto e fácil capital disponível até então.

3.2.A crise e o futebol

Será dada ênfase ao futebol inglês por este ser o mais rico do mundo e pelas suas individualidades vistas anteriormente. A primeira divisão inglesa, que possui quatro dos dez clubes mais ricos do mundo, já sente os efeitos do fim desse ciclo econômico. O futebol inglês se tornou o mais rico do mundo graças ao grande fluxo de capital estrangeiro investido nos clubes na última década, visto que nove das vinte equipes da *Premier League* são controladas por estrangeiros.

Na última década os ingleses usufruíram da facilidade para obter o crédito que estava disponível para financiar a compra dos melhores jogadores disponíveis no mercado. Atualmente, dois terços dos jogadores da primeira divisão são estrangeiros. Esses grandes gastos incharam as finanças dos clubes ingleses, levando doze dos vinte clubes da primeira divisão “ao

vermelho”. A maior parte desse *déficit* está sendo financiada pelos magnatas russos, americanos e franceses que detêm o controle desses clubes. Mas a crise mundial tem tornado o futebol um mau negócio para esses “investidores”. A crise do *subprime* levou investidores e patrocinadores ao prejuízo. O principal perdedor é o *West Ham*. O patrocinador do time londrino faliu e seu dono, o banqueiro islandês Bjorgolfur Gudmundsson, viu sua fortuna ruir junto com a economia se deu país. Já a fortuna do russo Roman Abramovich, do *Chelsea*, encolheu vinte bilhões de dólares nos últimos meses. Por falta de crédito, o *Liverpool* precisou adiar os planos de construir um novo estádio.

Alguns desses bilionários donos de clube já começaram a desistir de atuar nesse mercado. Foi o caso do ex-premiê tailandês Thaksin Shinawatra, condenado por corrupção, que era dono do *Manchester City*, vendido ao xequê Mansur Bin Zayed, membro da família real de Abu Dhabi.

O economista inglês Stefan Szymanski, da *City University* de Londres afirma, no Correio Braziliense, que a probabilidade de falência generalizada é pequena. Poucos foram os times a desaparecer por completo no último século, pois o futebol é uma das economias mais estáveis do mundo.

Seguem as dívidas, em dólares, dos principais clubes ingleses, segundo a revista Veja¹⁷:

- “ 1- *Manchester United* – 1 bilhão. O principal patrocinador do clube é a AIG, seguradora que precisou de socorro do governo americano para escapar da bancarrota.
- 2- *Chelsea* – 900 milhões. Depende da benevolência do bilionário russo Roman Abramovich, que empresta sem cobrar juros, mas que perdeu vinte bilhões de dólares nos últimos meses.
- 3- *Liverpool* – 550 milhões. Um grupo americano fez uma compra alavancada – esperava poder pagar o time com o lucro que ia obter. A construção do novo estádio foi adiada por causa da crise.
- 4- *Manchester City* – 240 milhões. Vendido rapidamente a um grupo de Abu Dhabi, antes que o dono anterior, um tailandês, fosse para a cadeia, o time de Robinho está a salvo. Por enquanto.

¹⁷ Revista Veja, Edição 2085, ano 41. Nº 44, 5 de novembro de 2008. Páginas 114 e 115.

- 5- *West Ham* – 56 milhões. O dono do time londrino é um banqueiro da Islândia cuja fortuna derreteu junto com a economia de seu país. O principal patrocinador, a agência de viagens XL, faliu.
- 6- *Newcastle* – 45 milhões. O banco que o patrocinava foi comprado pelo governo inglês. O dono do clube, cuja empresa se desvalorizou 87%, agora tenta vendê-lo. ”

Durante os anos de 1999 e 2005, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do esporte cresceu 11,8% ao ano, similar ao gigante crescimento da República Popular da China. Especialistas apontam que esse crescimento será duas vezes menor nos anos de 2009 e 2010. No ano de 2009, se ocorrer um avanço de metade desse percentual, já terá sido uma boa notícia. De acordo com Márcio Cattarozzi, consultor em marketing esportivo da J Cocco Sport, se houver um crescimento dos negócios, será de 1% a 2%.

Como exposto no parágrafo acima, o mundo do futebol ainda fala em números positivos, diferente dos dados relativos a empresas e países afetados pela crise econômica que vivemos. O que já é um dado positivo diante do cenário atual.

Essa crise, apesar de ter prejudicado o “negócio-futebol”, não foi suficiente para impedir o seu progresso, tendo em vista que, mesmo em meio a ela, foram batidos, novamente, os recordes de transferências de jogadores. O Real Madrid (Espanha) comprou o meia Kaka, do Milan (Itália), por 65 milhões de euros e o atacante português Cristiano Ronaldo, do Manchester United (Inglaterra) por 90 milhões de euros, sendo, portanto, um fenômeno sazonal.

Esse movimento financeiro também foi caracterizado pela participação acentuada do capital russo e árabe despejado na Europa, que serviu para promover essas contratações, além de pagar salários estratosféricos e custear construções de grandes estádios. O presidente da FIFA, Joseph Blatter, não está satisfeito com essa dependência externas dos clubes europeus, como disse em entrevista ao jornal espanhol AS: “Temos de ter cuidado quando esses investidores vêm com garantias bancárias para obter dinheiro que trazem aos clubes. A questão é o que ocorrerá quando esses investidores decidirem levar seu dinheiro a outro lugar. Um clube precisa ter investidores da região, ou pelo menos do país. ”

A história mostra que crises econômicas são seguidas de grandes oportunidades de negócios nos anos posteriores a elas. Temos como exemplo a crise do final da década de 1990, que teve epicentro na Argentina, Rússia e Tailândia. Logo após ela, a partir de 2002, o Brasil apresentou crescimento econômico superior aos anos anteriores, chegando à casa de 4% em alguns deles. Pois outra grande oportunidade se apresenta ao Brasil nos próximos sete anos: o país será sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.

3.3. As oportunidades futuras

O Brasil terá um privilégio que será repetido apenas pela quarta vez na história: ser escolhido como sede dos dois principais acontecimentos esportivos do mundo de forma consecutiva. Também ocorreu com o México, sendo sede das Olimpíadas de 1968 e da Copa do Mundo de 1970; à Alemanha com as Olimpíadas de 1972 e a Copa do Mundo de 1974 e aos Estados Unidos, escolhidos para sediar a Copa do Mundo de 1994 e as Olimpíadas de 1996. Nas últimas duas décadas, os países mais ricos e importantes do globo, membros do G20, foram, em sua grande maioria, sedes desses grandes eventos: Os Estados Unidos com a Copa do Mundo de 1994 e Olimpíadas de 1996, o Japão e a Coreia do Sul com a Copa do Mundo de 2002, a China com as Olimpíadas de 2008, a Alemanha com a Copa do Mundo de 2006, a França com a Copa do Mundo de 1998, a Itália com a Copa do Mundo de 1990 e a Austrália com as Olimpíadas de 2000. A Inglaterra será a sede das Olimpíadas de 2012, assim como a África do Sul com a Copa de 2010. Analisando por esse ângulo, seria lógico que o Brasil, também membro do G20, fosse escolhido como sede de algum desses eventos no futuro próximo.

Essa será uma grande oportunidade para o Brasil melhorar a gestão do futebol, apontada como um dos motivos que resultam na saída dos jogadores do país. Mas não apenas isso, também é uma chance única de se tornar a potência olímpica que um país que possui em torno de 190 milhões de habitantes e figura na lista dos dez mais ricos do planeta almeja ser. Para que isso ocorra, as falhas cometidas durante o Pan-americano de 2007, disputado no Rio de Janeiro, não podem se repetir.

Conforme nota publicada no “blog” do jornalista esportivo Juca Kfoury, as suspeitas de irregularidades somam trinta e cinco, sendo que nenhuma delas foi ainda concluída. Entre as irregularidades temos o fornecimento de bens e serviços em quantidade diferente daquelas previstas nos contratos, compra de materiais a preços superiores aos de mercado, mudança de cláusulas em contratos sem justificativa e superfaturamento na construção da Vila pan-americana.

O orçamento inicial do Pan-americano que era de R\$ 400 milhões e terminou em R\$ 3,1 bilhões, foi multiplicado por oito. Já o orçamento das Olimpíadas está previsto na casa dos R\$ 14 bilhões, conforme o “blog” de Paulo Vinícius Coelho. Caso sejam mantidas as mesmas proporções de equívocos, terminará em R\$ 112 bilhões. Para efeito de comparação, as Olimpíadas de Pequim, em 2008, consumiram US\$ 40 bilhões. Já a Copa do Mundo terá menos capital público envolvido. Ele será mais utilizado em Pernambuco, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, seja para construir, seja para reformas estádios, assim como melhorar a infra-estrutura local. E será menos utilizado no Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, por se tratarem de cidades onde o estádio utilizado é particular.

Se com um evento como o Pan-americano ocorreram tamanhas irregularidades, muito há que se mudar para que sejam realizados uma Copa do Mundo e Olimpíada de qualidade, sendo que são os maiores eventos esportivos do globo. E não apenas no campo da honestidade do projeto. Há que se melhorar também as condições de trabalho e oportunidades para os atletas. Ainda usando dados de Juca Kfoury, dentre as 6570 escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, 3871 delas não possuem sequer uma quadra esportiva, equivalente a 58,4% das escolas. Ou seja, mais da metade dos jovens que estudam em escola pública no estado do Rio de Janeiro, tem consideravelmente reduzidas suas chances de desenvolver seu potencial esportivo. Mas ainda há tempo para criar condições satisfatórias para a realização desses grandes eventos. A primeira medida já foi tomada: conforme nota publicada no sítio Terra, o deputado Sílvio Torres (PSDB-SP) anunciou que será criada uma página na internet onde serão divulgados todos os gastos realizados pelo Poder Público para a realização da Copa do Mundo de 2014, com previsão de lançamento em Dezembro. Ainda faltam cinco anos para que a

Copa do Mundo de 2014 e sete anos para as Olimpíadas de 2016, tempo suficiente para que medidas adequadas sejam postas em prática e sejam realizados eventos de qualidade.

4. Conclusão

Com as análises feitas até agora, conclui-se que o futebol é apenas um retrato da dinâmica da sociedade brasileira. Por ter menor poder financeiro, os clubes não têm capacidade de competir com os estrangeiros para ter os melhores jogadores. Jogadores em sua maioria de origem humilde, que foram seduzidos por dólares, euros, ienes. Esses atletas costumam experimentar uma súbita ascensão social, saindo da miséria para salários astronômicos, podendo chegar a alguns milhões de dólares. E também sabem que sua carreira é relativamente curta. Aos meados de seus 30 anos já estão obsoletos nesse mercado. Sendo assim, são obrigados a enriquecer rapidamente para poder garantir seu futuro. Não apenas seus, mas de suas famílias e amigos, que também tem uma origem social desfavorável e dependem do jogador em questão para viverem uma vida digna. A saída dos jogadores do futebol brasileiro também se enquadra no contexto das migrações internacionais, onde esses trabalhadores visam migrar para locais mais favoráveis do que o doméstico. Para conseguir manter seus jogadores, os clubes brasileiros precisam se reestruturar, não apenas financeiramente, para poder ter alguma chance de impedir esse êxodo.

Uma grande oportunidade se apresenta nos anos em que se seguem, com a realização da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Há que se aproveitar essa chance única de melhorar a gestão do futebol no Brasil. Feito isso, os clubes poderão ter maior poder financeiro e estrutural para manter seus jogadores por aqui. Mas não os melhores. Os grandes jogadores continuarão a atuar nos maiores clubes do globo, localizados na Alemanha, Itália, Espanha e Inglaterra.

Concluindo, para resolver a questão do êxodo dos jogadores de futebol no Brasil, é necessário primeiramente resolver questões que afetam a população brasileira como um todo. Essa situação poderá se reverter apenas no longo prazo, quando o Brasil oferecer qualidade de vida minimamente satisfatória para todos. Ter uma economia forte e diminuindo a concentração de renda, tirando os jovens das

ruas, educação de qualidade e, finalmente, possa desfrutar de campeonatos disputados por melhores jogadores.

Bibliografia

- 1- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O Mundo globalizado*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.
- 2- CARVAZERE, Thelma Thais. *Direito Internacional da pessoa humana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- 3- CASTRO, Mary Garcia. *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*, Brasil 2000/ Coordenadora Mary Garcia Castro. Brasília : CNPD, 2001
- 4- COELHO, Paulo Vinícius. *Bola Fora, o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- 5- RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. *O que são relações internacionais*. São Paulo: Brasiliense, 1994 - Coleção Primeiros Passos
- 6- ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1999

- 7- Sítio da Casual Auditores Independentes
(www.casualauditores.com.br/divisao)
- 8- Sítio Confederação Brasileira de Futebol (www.cbf.com.br)
- 9- Sítio da Editora Abril (www.abril.com.br)
- 10- Sítio Globo Esporte (www.globoesporte.globo.com)
- 11- Sítio de Juca Kfoury (www.blogdojuca.blog.uol.com.br)
- 12- Sítio Terra (www.terra.com.br)

- 13- ALVITO, Marcos. *Inglaterra, o verdadeiro país do futebol*. Superinteressante, Setembro de 2008, páginas 31 e 32.
- 14- BANCILLON, Deco. *Crise no mundo da bola*. Correio Braziliense. 1º de Fevereiro de 2009, páginas 38 e 39.
- 15- FAVARO, THOMAZ, *A futebolha*. Veja. 5 de Novembro de 2008, páginas 114 e 115.
- 16- LOZETTI, Alexandre. *Mais rica, mais estrangeira*. Lance!. 16 de Janeiro de 2009, páginas 18 e 19.